

Batalha Espiritual

Há pelo menos dez anos atrás, vivia-se a era da incredulidade. Naquela época, tudo o que concernia ao metafísico, ao transcendente, ao espiritual, era rejeitado. O “bonito” era ser cético quanto ao mundo religioso. Aliás, esta era a “religião” da maioria. O precursor deste mundo incrédulo foi o marxismo que influenciou todas as áreas da sociedade e, por incrível que pareça, também à religião.

No entanto, em nossos dias, com a virada do milênio, percebe-se uma volta à espiritualização- muito semelhante à era medieval. É tão notória esta mudança de cosmovisão que é possível ver-se cientistas – outrora, a categoria que levava a bandeira do ceticismo- com seus amuletos da sorte, pirâmides na cintura ou em baixo da cama para atrair “bons fluídos”, etc.

Como foi no período do ceticismo, esta nova filosofia de vida, também têm influenciado a muitas áreas da sociedade, inclusive à religião. E nesta categoria, encontram-se os evangélicos.

No mundo evangélico, nunca se viu tanta ventilação de novas doutrinas como se tem visto em nossos dias. Entre as novas doutrinas, encontra-se o Movimento de Batalha Espiritual. Este, oferece uma nova cosmovisão sobre a esfera espiritual, especialmente sobre os demônios, e como enfrentar este mundo de espíritos.

Creio que o Movimento de Batalha Espiritual é uma antítese da cosmovisão, principalmente norte americana, de que o diabo não existe. Porém, como antítese, tem-se exacerbado em várias áreas, em seu afã por demônios, e, por isso, deixado a desejar em muitas doutrinas bíblicas.

De início, estaremos mostrando, bíblicamente, a realidade da guerra espiritual; em seguida, mostraremos as origens do Movimento de Batalha Espiritual e seus ensinamentos, confrontando-os com as Escrituras. Em seguida, veremos a proposta das Escrituras sobre a guerra espiritual, e, por fim, veremos os prós e os contra, do Movimento em questão.

A nossa proposta é analisar doutrinariamente o Movimento de Batalha Espiritual e não “atacar pedra” em quem está trabalhando, como muitos possam crer. Nosso propósito, é ser “boreano”; ou seja, analisar até que ponto o que está sendo pregado nos púlpitos do Movimento de Batalha Espiritual, está de acordo com a sã doutrina.

I – DEFININDO “BATALHA ESPIRITUAL”

1.1 A batalha espiritual nas Escrituras

A Bíblia está repleta de relatos de batalhas, guerras, confrontos e todo tipo de coisas que denotam conflitos. Só para termos uma idéia de como este assunto é tratado em grande escala nas Escrituras, a palavra “batalha”- assim como foi traduzida- encontra-se em cinquenta trechos das Escrituras. A palavra

sinônima “guerra”, encontra-se em duzentos e oito versículos. São referências que descrevem a luta entre nações, pessoas individuais, Deus e o homem, o homem cristão e a sua velha natureza, a Igreja e o mundo, a Igreja e o diabo.

Esta última a ser referida, revela-nos uma espécie de guerra que é bastante diferente da que estamos acostumados a ver nos noticiários de T.V, mas, não menos horrenda e, até mais terrível: a Batalha Espiritual.

Em Ap. 12:4, encontramos a referência à primeira batalha espiritual que foi travada: “arrasta a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra”. Esta é uma referência de João a Satanás que rebelou-se contra Deus e arrastou consigo a terça parte dos anjos. Desde então, nós vemos, através da Bíblia, Satanás fazendo guerra contra Deus e o Seu povo:

“Então ele me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor”. (Zc. 3:1).

Encontramos, também, citações da batalha que o crente deve fazer contra Satanás: “..não deis lugar ao diabo”. (Ef. 4:7); Revesti-vos de toda armadura de Deus para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo”. (Ef. 6:11). Em Tg 4:7, está escrito: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós”. Esta palavra “resisti”, a qual Tiago refere-se, no grego é “anqi(sthte”, ela é derivada de “anqi)sthmi”, que traduzido é “colocar-se contra, opor-se, permanecer firme”. Esta palavra é aplicada da mesma forma- o combate que o crente deve fazer ao diabo- em, pelo menos, mais duas formas no Novo Testamento: Ef 6:13 e 1 Pe 5:8,9. Isso denota, de forma direta, uma luta espiritual que está se travando. Sobre isso, Paulo Romeiro comenta de forma plausível: “A Bíblia fala muitas vezes sobre tal conflito. Sim, existe uma contínua e intensa batalha entre a luz e as trevas, entre Cristo e Satanás, entre a Igreja e o inferno”[1].

Para entendermos melhor esta batalha, precisamos tomar conhecimento de como ela começou

1.2 A origem da batalha espiritual

Procurar saber a origem desta guerra cósmica leva-nos a indagar sobre a origem do mal. No entanto, não iremos nos deter neste assunto. Aqui, é necessário sabermos que existe uma origem para o mal e que esta, é identificada com o diabo.

De acordo com as Escrituras, o Diabo é o chefe da apostasia. Em Is 14:12, Satanás é identificado como sendo a Estrela da Manhã e Filho da Alva. Isso quer dizer que houve um tempo em que este ser angelical criado por Deus, rebelou-se contra o seu Criador (Ez 28:12-19), querendo ser igual a Ele e, conseqüentemente, foi expulso do céu juntamente com os seus seguidores (Mt 25 41; 12:24; Ef 2:2; Ap 12:7).

É aí que começa toda a guerra, com o propósito de Satanás de ser igual a Deus e, por isso, opor-se a tudo o que Deus faz ou o que se chama pelo Seu nome (Mt 13: 24-30; Lc 22:3).

2- O MOVIMENTO “BATALHA ESPIRITUAL”

“Precisamos nos guardar contra dois perigos extremos. Não podemos tratá-lo com muita leviandade, para não subestimar seus perigos. Por outro lado, também não podemos nos interessar demais por ele.”²

2.1 Sua origem

Na religião, existem várias posições a respeito do assunto de demônios. Existem aqueles que se mantêm céticos a respeito da crença em demônios e, categoricamente, afirmam que isto é coisa da idade média ou superstição. O teólogo católico, especialista em demoniologia e parapsicologia, Oscar Quevedo, disse o seguinte sobre o diabo:

Tudo o que foi dito sobre ele está no paganismo... Falar em línguas, ter uma força descomunal e outras atitudes que indicam que alguém está possuído pelo demônio, tudo isso pode ser explicado pela psicologia ou pela parapsicologia.³

Existem outros que crêem na existência dos demônios, mas mantêm indiferença a respeito do assunto. Aqui no Brasil, principalmente, está havendo uma super-valorização deste tema. Na novela global: “suave veneno”, está uma curiosidade: o diabo, personagem vivido pelo autor Aguinaldo Silva. Para vencê-lo, tem o paranormal Uálber, personagem vivido pelo autor Diogo Vilela. Os autores do trama, apostaram no “carisma” do diabo, no meio brasileiro. Aguinaldo Silva, chegou a dizer o seguinte: “ No Brasil, as pessoas acreditam que o diabo realmente interfere em nossa vida, mais até do que os santos.”⁴ Sim, esta é uma realidade brasileira, o espiritualismo. No entanto, também nos círculos evangélicos, atravessa-se uma onda de super-valorização de anjos e demônios. Estão sendo promovidas reuniões de guerra, libertação, “poder”. Seminários sobre batalha espiritual são comuns.

As livrarias foram invadidas por uma série de livros que tratam deste tema. Livros que têm exercido grande influência no meio evangélico como o de Frank Peretti, Este Mundo Tenebroso (Ed. Vida).

A esta ênfase dada aos demônios, pelo menos aqui no Brasil, atribuímos a responsabilidade a um pastor norte americano chamado C. Peter Wagner. Ele é autor de trinta livros e é a atual autoridade no campo de guerra espiritual. Em seu livro intitulado Oração de Guerra (Ed. Unilit), ele nos conta como foi originado este movimento de guerra espiritual. Peter Wagner é representante do Movimento de Crescimento da Igreja, fundado por Donald MacGavran, em 1955. Em 1980 começou a interessar-se sobre as dimensões espirituais do crescimento eclesial. Em 1989, percebeu que o evangelismo funciona melhor quando é realizado através de oração e que Deus tem dotado certos indivíduos que se mostram incomumente poderosos no ministério da intercessão.

Pensando sobre a idéia de como conciliar evangelismo e intercessão, Peter Wagner reuniu um grupo de cinqüenta intercessores para orarem em um hotel, localizado em frente do local onde seria o segundo congresso de Lausanne.

Durante esta intercessão, Peter Wagner diz que recebeu de Deus o que denominou de “parábola viva”. Ele deu esse nome a um acontecimento durante a intercessão. Uma das intercessoras, Juana Francisco, foi acometida de uma crise asmática, rapidamente levaram-na às pressas para o hospital. Esperando a recuperação da amiga no hospital, outras duas intercessoras, Mary Lance e Cidy Jacobs, tiveram uma mensagem que logo identificaram como sendo de Deus. Juana Francisco havia sido atacada por um espírito da macumba. Recebendo a revelação, as duas intercessoras fizeram uma oração quebrando o poder do demônio enquanto, no mesmo momento, Bill Bright, estava com a enferma orando em prol da cura. O que aconteceu foi que no mesmo momento a mulher ficou boa.

Peter Wagner interpretou este episódio como sendo uma lição de Deus ao Seu povo. A partir daí ele tomou para si os seguintes princípios: (1) A evangelização do mundo é uma questão de vida ou morte; (2) A chave para a evangelização do mundo consiste em ouvirmos a Deus e obedecermos àquilo que tivermos ouvido. “Elas sabiam que Deus queria que a maldição fosse anulada, pelo que entraram em ação”⁵; (3) Deus usará a totalidade do corpo de Cristo para completar a tarefa da evangelização do mundo.

Naquela mesma conferência de Lausanne, em Manila, foram abordados os temas de espíritos territoriais e da intercessão espiritual em nível estratégico.

O interesse sobre o assunto cresceu e foi organizado um grupo de pessoas que se interessavam por guerra espiritual. Peter Wagner tornou-se o líder deste grupo que posteriormente foi denominado de “Rede de Guerra Espiritual”. Entre os membros deste grupo podemos mencionar Larry Lea, John Dawson, Cindy Jacobs e Edgardo Silvano.

2.2. Seus ensinós

2.2.1. Duas forças contrárias: Deus X Diabo

O termo “dualismo” é uma transliteração da palavra latina “dualis”, que quer dizer aquilo que contém dois. Esta expressão foi cunhada para transmitir a idéia do Zoroastrismo, que é a crença em um poder bom, chamado Ormazd, e um poder mal, chamado Ahriman. Neste sistema, acredita-se que existem duas forças opostas: a boa e a má. Estes poderes estão sempre em conflito entre si, podendo resultar em vitórias temporárias, de um lado ou de outro. Apesar destas vitórias, nunca nenhum dos dois deixarão de existir.

Agora que sabemos o que é dualismo, vejamos algumas declarações:

“Estamos em guerra! É a guerra de todas as guerras... a grande batalha espiritual entre Deus e o diabo no campo de batalha de nossas almas, com a eternidade toda pendendo na balança.”⁶

e também :

“Pai celestial, eu me ajoelho em adoração e louvor diante de ti. Eu me cubro com sangue do Senhor Jesus Cristo para me proteger durante este período de oração.

Eu me submeto a ti completamente e sem reservas em todos os setores de minha vida. Eu tomo posição contra toda operação de Satanás que possa me impedir neste período de oração e me dirijo exclusivamente ao Deus vivo e verdadeiro, recusando-me a qualquer envolvimento com Satanás em minha oração.” 7

Ainda podemos citar esta:

“Quando Satanás e suas tropas interferem com a obra de Deus na terra, então você sabe que é hora de entrar em ação. A guerra espiritual está rugindo em um nível cósmico. E talvez você seja convocado para participar da mesma.” 8

Diante de tais citações podemos pensar que elas vem da boca de adeptos do Zoroastrismo ou de alguém que prega as idéias do Yin e Yang, do Neo-confucionismo ou do Taoísmo. No entanto, quem pensa isso está redondamente enganado, estas declarações vêm da boca de pregadores cristãos propagadores do Movimento de Batalha Espiritual.

Quando começamos a estudar sobre “batalha espiritual”, o ensino com que logo nos deparamos é o de que existem duas forças- ainda que não iguais em poder- lutando entre si para ganhar a posse das almas dos mortais.

Embora entre os pregadores do Movimento de Batalha Espiritual se negue o dualismo em seus ensinamentos, podemos ver a realidade da doutrina dualista de Deus X diabo, entre declarações como vimos a cima.

No cristianismo não existe lugar para o dualismo, ou o cristão crê que Deus é soberano sobre todas as coisas- e isso inclui a natureza, o coração humano, os governos e o diabo- ou vive em angústia temendo o demônio.

2.2.2 Espíritos Territoriais

De acordo com o ensino do Movimento de Batalha Espiritual, o Diabo designou um demônio, ou vários deles, para controlarem cidades, regiões e países. O objetivo destes “governantes espirituais” seria impedir a glorificação de Deus em seus respectivos territórios.

C. Peter Wagner diz em seu livro Oração de guerra:

“As estruturas sociais não são, por si mesmas, demoníacas, embora possam ser e com frequência sejam endemoninhadas por alguma personalidade demoníaca extremamente perniciosa e dominante, às quais tenho chamado de espíritos territoriais”, e “Grande parte do antigo Testamento alicerça-se sobre a suposição que os seres espirituais sobrenaturais exercem domínio sobre esferas geopolíticas.” 9

Dr. Neuza Itioka em seu livro A Igreja e a Batalha espiritual, diz:

“Estes poderes (principados e potestades) exercem controle não apenas sobre vidas, mas também estruturas sociais, eclesiásticas e políticas de comarcas, cidades e regiões geográficas... Quando analisamos determinadas estruturas sociais ou econômicas, o que podemos concluir? O sistema social e econômico injusto que o Brasil vive, não estaria ligado com o principado e a potestade do escravagismo que ainda se perpetua, estendendo os seus tentáculos para aprisionar a nossa sociedade?...Atrás da incapacidade dos governantes arrumarem a casa, contornarem a economia e estabelecerem justiça o que podemos discernir? Apenas o espírito corrupto dos governantes? Apenas o espírito sem escrúpulo dos que estão sem poder? Não estariam eles ligados a algo mais?”. 10

Neuza Itioka também disse o seguinte em um curso sobre Batalha Espiritual:

“A nossa luta deve se dirigir mais e mais contra os grandes príncipes demoníacos das regiões, nações e cidades.

São eles que presidem a corrupção e fraude, por exemplo, perpetuam um estilo de vida e comportamento por trás da repartição pública, do marajá que preside a corrupção da orfandade; do aborto; perpetua a violência; a miséria; a pobreza; a sensualidade e a perversidade, que originam a morte e o suicídio.”
11

Ainda argumentando sobre os Espíritos Territoriais, o Movimento de Batalha Espiritual cita alguns textos bíblicos para fundamentar sua idéia. Os mais comuns são: Dn 10:13,20; 12; Mt 4:8,9; Mc 5:10; Ef 6:12.

2.2.2.1. “Espíritos territoriais” à luz das Escrituras

Nossa preocupação é analisar o que nos tem sido pregado. Já que tomamos as Escrituras como única autoridade de fé e prática, queremos invocar o seu testemunho à respeito de tal ensino.

Por isso queremos analisar os textos bíblicos que, supostamente, falam do assunto, intencionando chegar a uma conclusão bíblica.

O texto mais usado para defender a idéia de territorialidade de espíritos é Dn 10:13 e 20:

“Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias: porém Miguel, um dos príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia.”

“e ele disse: Sabes porque eu vim a ti? Eu tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia.”

O que este texto quer dizer ao referir-se ao príncipe da Pérsia e príncipe da Grécia? Não poderíamos chegar a outra conclusão além da que estes eram espíritos angelicais que atuavam nos reinos da Pérsia e Grécia.

Halley diz em seu livro “Manual Bíblico”:

“Deus levantou o véu e mostrou a Daniel algumas realidades do mundo invisível- a prossecução de conflitos entre inteligências super-humanas, boas e más, num esforço por controlar os movimentos das nações, algumas das quais procurando proteger o povo de Deus. Miguel era o anjo guardião de Israel, vv. 13,21. Outro anjo, anônimo, falou com Daniel. A Grécia tinha seu anjo, v. 20; e igualmente a Pérsia, vv. 13, 20. Parece que Deus mostrava a Daniel alguns de Seus agentes secretos em operação para levar a efeito a volta de Israel.” 12.

Baldiwin em seu livro “Daniel: Introdução e Comentário”, diz o seguinte: “Pensa-se aqui num representante da Pérsia nas regiões celestiais; a Grécia igualmente tem um correlativo angélico (20), e Miguel, um dos primeiros príncipes, pertence a Israel.” 13.

Caio Fábio em seu livro “Batalha Espiritual”, também faz um comentário sobre este texto:

“...as manifestações espirituais se relacionavam com o mundo visível e suas expressões políticas... O princípio que fica é este. Por mais estranho que isso possa parecer a algumas mentes teológicas sofisticadas, a Bíblia é clara quanto à atuação dos principados e potestades no seio da história, agindo sobre nações, de maneira tão íntima, tão intrínseca que a Bíblia os especifica, referindo-se à área de atuação deles, como o príncipe da Nações.” 14.

Dr. Russell Shedd também tem algo a nos falar sobre isso em seu comentário na Bíblia Shedd: “O príncipe do reino da Pérsia. O poder espiritual satânico manifesto através do culto pagão dos persas.” 15

Portanto, creio que este texto, realmente, fala de espíritos malignos que influenciam um sistema social.

Um outro texto que se usa para apoiar a idéia de territorialidade espiritual é Mt 4:8,9 diz:

“Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: “Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares”.

Parece, aqui, que Satanás estava reclamando um domínio sobre o mundo, o qual Jesus não questionou. Neste texto, podemos ver que Satanás exerce de influência sobre os reinos do mundo (planeta Terra), através da ordem má das coisas. No entanto, não encontramos explícita no texto a idéia de que cada nação tem o seu espírito maligno.

Outro texto que, casualmente, podemos enxergar o pensamento de Espíritos Territoriais é Mc 5:10:

“E rogou-lhes encarecidamente que os não mandasse para fora do país.”

Observando este texto, a pergunta que nos salta à mente é: o que eles quiseram dizer com “fora do país”? A palavra no original grego é “cwraV” que significa “região”. Este problema pode ser selecionado com o texto

correspondente, Lc 8:31: “Rogavam-lhe que não os mandasse sair para o abismo”.

Não se trata, aqui, de territorialismo de demônios, mas, sim, que os demônios não queriam ir para o abismo, mas ficar nesta região, ou seja, nesta esfera espiritual.

Um outro texto bem conhecido é Ef 6:12:

“porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes.”

O apóstolo Paulo fala de quatro expressões que podemos estar destacando: (1) Principados e potestades- aqui inferindo a uma hierarquia espiritual (gr.: a(rxa)j e e)zousi)as); (2) Príncipes do mundo (gr.:kojmokra)toras). Esta expressão significa “governante mundial”; foi usada por Paulo para descrever a ação dos demônios sobre a esfera da existência humana; (3) Forças espirituais do mal (gr.: pro)j ta) pneumatika) te@j poneri)aj). Esta expressão indica uma força opositora ao bem. Uma espécie de exército do mal; (4) Regiões celestiais (gr. e)pourani)oij). Esse termo é usado por Paulo cinco vezes na carta aos Efésios. Denota a esfera espiritual em que os espíritos, maus ou bons, operam.

Analisando estes termos, podemos ver que o diabo é ordenado, possuindo hierarquia entre os seus subordinados, e atua, nas regiões espirituais, influenciando as nações. Porém, a partir deste texto, não podemos ter a crença na territorialidade dos demônios. O próprio Peter Wagner comenta sobre este texto em seu livro “Oração de Guerra”:

“Coisa alguma, neste versículo, indica que uma ou mais dessas categorias ajustam-se à descrição de espíritos territoriais.” 16

Analisando, sinceramente, estes textos e observando a crítica que fazem alguns autores sobre o assunto, podemos concluir que apenas o texto de Daniel 10:13,20, expressa o pensamento na existência de um espírito maligno influenciando cada nação; portanto, torna-se perigoso basearmos toda uma doutrina em apenas um texto.

No entanto, não podemos ignorar a existência do texto de Dn 10: 13,20; por isso, não rejeitamos a idéia do Movimento de Batalha Espiritual de que cada nação é influenciada por um espírito maligno. Nossa opinião pessoal é que realmente os demônios são ordenados (e todos os textos acima estudados expressão isso) ao ponto de organizarem-se em distritos, influenciando a cada nação. Todavia, o nosso conhecimento sobre a organização distrital dos demônios para por aqui, por que a Bíblia não nos fala mais sobre o assunto; por isso, qualquer informação a mais sobre isso seria mera especulação.

2.2.3 A Terra é de Satanás

De acordo com os ensinamentos do movimento de Batalha Espiritual, a administração e governo terrenos pertencem a Satanás. Isso deveu-se ao

pecado de Adão. Ao primeiro homem foi dada administração e governo sobre a criação; no entanto, ele, quando pecou, entregou a autoridade ao diabo. Decorrente disto, o diabo tem controle sobre os governos, e Deus não interfere nisso, por questões éticas e legais. Satanás tem todo o direito legal de administrar o sistema terreno, e Deus romperia com a ética se interferisse nesse direito. Foi por isso que Jesus veio, para devolver o direito ao homem de governar. A partir de Jesus, portanto, temos a autoridade de governar sobre a criação.

Para apoiar essa idéia, citam-se textos como Mt 4:8,9 e 2 Co 4:4.

2.2.3.1. O que a Bíblia diz sobre a terra ser de Satanás?

Quando nos voltamos para a Bíblia e nos deparamos com Deus julgando a humanidade através do dilúvio Gn 6:11-26, com textos como Sl 24:1: “Do Senhor é a terra e sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam”... – Como abraçar a idéia de que Satanás é governante da terra e concorrente de Deus? Quando nos deparamos com Sl 50:10-12: “...meu é todo o animal da selva e as alimárias sobre milhares de montanhas. Conheço todas as aves dos montes; e minhas são todas as feras do campo... pois meu é o mundo e a sua plenitude.” e Dn 2:21: “...é Ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis.” – Que fazemos com eles?

No Livro do profeta Isaías ficamos vislumbrados em saber que Deus usou o rei da Assíria para julgar a Israel e depois também julga à Assíria, Is 10:5-12. Em I Sm 2:6,7, encontramos Ana orando da seguinte forma: “O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir. O Senhor empobrece e enriquece; abaixa e também exalta”. O salmista inspirado, declara em Sl 103:19 : “Nos céus estabeleceu o Senhor o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo.” (grifo meu)

Deus é soberano e governa sobre todas as coisas, inclusive sobre o diabo. Porventura diante destes textos encontramos alguma coisa que sobrou para Satanás governar? Tenho certeza que não.

No entanto o que fazer com textos bíblicos que dizem que satanás é o deus deste mundo? A fim de responder esta pergunta, precisamos nos perguntar que “mundo” que é este. Russell Shedd nos dá um esclarecimento sobre isto:

“...trata do sistema de valores alienado de Deus, que orienta o pensamento dos homens em oposição a Ele. Assim, o kosmos jaz no maligno (o diabo, 1 Jo 5:19; cf. Jo 12:31; 14:30). As trevas dominam este mundo (Jo1:5; 12:46) e o pecado macula sua existência como um todo.” 17

Por isso não nos estranha Jesus e Paulo atribuírem este título a Satanás. Ele é o deus de um mundo pecaminoso e que se nega a submeter ao único Deus.

E é exatamente disso que se refere os textos de Mt 4:8, 2 Co 4:4 e outros. No entanto, é necessário notarmos que inclusive sobre o mundo pecaminoso Deus é soberano. No sentido de delimitar a ação maligna. Vemos isso na

crucificação, onde era um ato soberano de Deus para cumprir os seus propósitos, mas também um ato pecaminoso do homem incitado pelo diabo: “sendo este Jesus entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos”.(At 2:23). Erickson comenta sobre o assunto da seguinte forma:

“Há várias maneiras pelas quais Deus pode relacionar-se e de fato se relaciona com o pecado: ele pode (1) preveni-lo; (2) permiti-lo; (3) dirigir-lo ou (4) limitá-lo. Note que em cada caso, Deus não é a causa do pecado humano, mas age em relação a ele.” 18

2.2.4 Retaliação

Segundo o ensino do movimento de Batalha Espiritual, quando o crente ataca estes espíritos territoriais, invadindo sua jurisdição e tentando implantar o Reino de Deus, ele terá problemas. Estes demônios poderão infernizar a sua vida com doenças, problemas conjugais e toda sorte de males.

C. Peter Wagner diz em seu livro “Oração de guerra”:

“Dóris e eu começamos a ir para as linhas de frente na Argentina, em 1990. Dentro de alguns meses, tivemos a pior desavença em família em quarenta anos de casados, tivemos um problema sério com um de nossos mais chegados intercessores, e Dóris ficou incapacitada por quase cinco meses por motivos de discos vertebrais deslocados, e cirurgia nas costas e em um joelho. Em nossas mentes, ou nas mentes de outras pessoas envolvidas, que oram por nós, não há o menor sinal de dúvida que essas coisas foram revides diretos da parte dos espíritos que ficaram irritados por termos invadido o seu território.” 19

Robson Rodovalho concorda com a idéia de Peter Wagner comentando da seguinte forma:

“Como então, o apóstolo Paulo nos fala da possibilidade de Satanás levar vantagem sobre nós na guerra espiritual? Isto se chama retaliação. Retaliação é quando Satanás tem oportunidade de nos retaliar, de nos contra-atacar. E ele faz isto. Ele usa as oportunidades que encontra para retaliar os filhos de Deus, trazendo, assim, aparente derrota, desânimo, e situações semelhantes.” 20

Este pensamento é uma constante na vida dos participantes do movimento de batalha espiritual. Por isso, explicasse a constante oração por proteção e o ato “místico” de vestir a armadura espiritual.

Esta preocupação mostra-se evidente nas orações. Em uma apostila sobre Batalha espiritual, a Missão Evangélica Shekinah ensina seus alunos a orar da seguinte forma:

“Eu me cubro com o sangue do Senhor Jesus Cristo para me proteger durante este período de oração...eu me cinjo com a verdade, revisto-me da couraça da justiça, calço as sandálias da paz e coloco o capacete da salvação. Levanto o

escudo da fé contra todos os ardentes dardos do inimigo e tomo em minha mão a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, e uso a Tua Palavra contra todas as forças do mal em minha vida” 21

2.2.4.1 Retaliação” à luz das Escrituras

Vejamos o que a Bíblia pode nos dizer sobre este assunto. Na obra missionária de Cristo, o diabo estava presente em alguns momentos da sua vida para fazer com que a sua obra fosse frustrada. Na tentação do deserto (Mt 4) – no início do ministério de Jesus -, Satanás esforçou-se para impedir à Cristo.

Quando Pedro foi usado pelo diabo (Mt 16:23), vemos Satanás tentando induzir Jesus a se acomodar. Na cruz, quando Jesus está sendo crucificado (Mt 27: 33-44), vemos o diabo usando as pessoas que passavam para fazer com que Jesus desistisse do que estava fazendo.

Durante todo o ministério de Cristo aqui na terra, vemos o diabo atacando-o. Notamos isso ocorrer, também, na vida de Paulo. No ministério paulino em Tessalônica, observa-se a resistência de Satanás à obra que estava sendo feita. As pessoas estavam sendo libertas e salvas. Muitos judeus creram na Palavra e numerosos gentios deixaram a adoração à ídolos e renderam-se ao Senhor. No entanto, qual foi o resultado disso? Uma perseguição levantou-se contra Paulo e os seus companheiros, instigada pelo ódio, inveja e incredulidade dos judeus. Parece, aqui, que Satanás estava usando estes sentimentos da parte dos judeus para retalar a obra de Deus em Tessalônica. Foi tão séria a resistência de Satanás contra a obra de Paulo que , este, disse o seguinte em 1 Ts 2:18: “Por isso, quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas); contudo, Satanás nos barrou o caminho.” Ainda a respeito disso, Ladd comenta:

“Ele é o tentador, que procura, através da aflição, desviar os crentes do Evangelho (I Ts 3:5), obstruir os servos de Deus em seus ministérios (I Ts 2:18), e que cria falsos apóstolos, para perverterem a verdade do Evangelho (II Cor 11:14), que está sempre tentando derrotar o povo de Deus (Ef 6:11,12,16), e que é até mesmo capaz de praticar seus ataques sob a forma de sofrimentos corporais, aos servos escolhidos de Deus (II Co 12:7)” 22.

MacArthur também nos dá a sua contribuição sobre o assunto: “É evidente, pois, que os crentes não estão imunes à oposição de Satanás; nem é o plano de Deus que estejamos sempre livres de toda a situação má.” 23

De acordo com os textos mencionados acima, cremos que o diabo, realmente, pode reagir (“retaliar”, ou seja lá como quiserem denominar essa ação satânica) contra a obra missionária do povo de Deus.

Cremos que é evidente que o diabo, tentando se opor à obra de Deus, faça de tudo para que o crente não obtenha sucesso em seu trabalho missionário. Esse “fazer de tudo”, implica em semear discórdias, desavenças, contendas, enfermidades e tudo o que o diabo costuma fazer.

No entanto, esta resistência é limitada pelo próprio Deus. Satanás não é um ser autônomo que vive independentemente. Muito pelo contrário, ele é um ser limitado que age com limitações impostas pelo próprio Deus. Em Jó 1:12, vemos Deus limitando a ação satânica sobre a vida de um crente: “Disse o Senhor a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão. E Satanás saiu da presença do Senhor”.

Também em Lc 22:31, vemos que Satanás precisou pedir permissão para atacar a Pedro: “ Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo.” Em 2 Co 12:7, vemos que o apóstolo Paulo estava acometido de um ataque satânico (o espinho na carne); porém, este ataque servia aos propósitos soberanos de Deus: “...para que não me ensoberbecesse.”

Sobre isso Michael S. Horton comenta em seu livro “O cristão e a cultura”:

“ Conforme Lutero disse, ‘o diabo é o diabo de Deus’, Calvino também argumentava que todas as influências demoníacas e satânicas do mal estavam sob o comando soberano de Deus e estão sob o controle do verdadeiro Soberano do Universo.” 24

Penso que Frank Peretti, o Escritor do livro “Este mundo tenebroso”, de acordo com a visão de muitos crentes, deveria passar por muitos problemas, sendo “retaliado” pelo diabo, ao escrever o seu livro, que foi um “despertar” para o mundo espiritual.

No entanto, em uma entrevista dada à revista “Vida Mix”, ele responde à pergunta: “Você enfrentou lutas espirituais ou problemas, enquanto escrevia algum livro?”, da seguinte forma:

“Não que eu saiba. Nunca tive uma experiência sobrenatural. Coisas como desânimo, depressão e dúvidas já experimentei; mas não coloco a culpa no diabo. Podem ser problemas hormonais ou coisa parecida. Todo aquele que serve ao Senhor passa por algum tipo de tribulação e os meus problemas são típicos de alguém que se dedica a Deus. Muita gente perguntou se eu fui atacado pelo diabo, enquanto escrevia os livros. Acho que não. Imagino que a maior luta foi quando fiquei saturado com o tema. Era um peso que me deixou desanimado, porque eu não sabia o que iria acontecer. Afinal, o corpo de Cristo vencerá ou não? Veja bem, acabei de assistir o programa do clube 700 na televisão e eles mencionaram o que está acontecendo em uma igreja que, no momento, experimenta um grande avivamento em Pensacola, na Flórida. Eu disse: “Glória a Deus! Até que enfim uma boa notícia.” 25

Podemos concluir dizendo que Satanás se opõe a obra da igreja e anela em destruí-la; no entanto, jamais o faz sem a permissão, limitação e supervisão divina. O problema é quando nos preocupamos demais no que Satanás nos “aprontará” se fizermos isso ou aquilo para o Reino de Deus.

2.2.5 “Brechas”

Este é um outro ensino amplamente divulgado pelo movimento de batalha espiritual. De acordo com os pregadores do movimento, “brechas” são pecados que cometemos que, invariavelmente, dão toda a autoridade legal para o diabo agir contra nós.

Robson Rodvalho, em seu livro “Por trás das Bênçãos e maldições”, fala-nos sobre isso:

“Quando uma pessoa pratica o pecado, ela abre brecha em sua vida. A proteção espiritual está sendo levantada, e a partir daí as maldições poderão tocá-la. Por exemplo: nós encontramos Satanás dizendo a Deus que não poderia tocar a vida de Jó, pois ele estava protegido por esta sebe... Sempre que uma pessoa peca inconscientemente ou voluntariamente, ela abre uma brecha nesta cerca. Consequentemente, os espíritos maus começam a Ter acesso à vida e ao coração dela. Os espíritos malignos entram aonde foi feita a brecha. Somente o perdão de Deus poderá repará-la.” 26

Ainda sobre isso Neuza Itioka comenta:

“Tanto Thomas White como Robert Linthicum confirmam através dos seus escritos que corporativos de uma comunidade cristã local podem se transformar numa abertura para a invasão de principados e potestades que, por sua vez, vão se fortalecer com os mesmos pecados, para se Ter todos os direitos legais para oprimir e definhar a igreja.” 27

Dentro do pensamento do movimento de batalha espiritual, a freqüência de um determinado pecado na vida do crente, do incrédulo, de uma comunidade, cidade, nação, concede ao diabo legalidade para intentar contra aquele que comete o pecado.

2.2.5.1 O conceito de “brechas” nas Escrituras

“Não deis lugar ao diabo”(Ef 5:27); “Para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios.”(2 Co 2:11)

A santidade nas Escrituras é algo que é constantemente falado. A palavra “santo” e seus derivados, aparecem em 464 versículos. Portanto, é mais que evidente que o crente deve buscar a santidade cada vez mais em sua vida.

No entanto, precisa-se observar a motivação pelo qual deve-se buscar a santificação. Deve-se buscar a santificação com interesse que o diabo não tenha legalidade sobre a vida, ou deve-se buscar a santificação por amor e temor a Deus?

Creio que a santificação, que é fruto do trabalhar do Espírito santo na vida do crente, tem como fim maior o agradar a Deus. (Lv 11:44; 19:2; Ef 1:4; Hb 12:14; 1 Ts 4:7) A santidade trás os benefícios de estar em paz com Deus e consigo mesmo. Quando as Escrituras escrevem exortando-nos a buscar a santidade, ela o faz pensando no sucesso do relacionamento entre o homem e um Deus santo e, também, pensando no nosso bem estar. Quando buscamos

a santidade, o fazemos porque amamos o Senhor e não para que o diabo não tenha legalidade. Quando nossa conduta não está de

acordo com os padrões de Deus para nós, nós temos que nos ver com Deus e não com o diabo. É por isso que somos exortados a buscar o arrependimento.

Pensemos no pecado de Davi com Bate-Seba (2 Sm 11). Davi adulterou e cometeu homicídio. Este pecado horrendo trouxe grandes males para Davi, sua família e seu povo. A partir daí poderíamos dizer que o diabo passou a ter legalidade sobre a vida de Davi?

De forma alguma, a vida de Davi ainda pertencia a Deus e Este o tratou conforme seu pecado:

“Agora, pois, não se apartará a espada jamais da tua casa, porquanto me desprezaste e tomaste a mulher de Urias, o heteu, para ser tua mulher... Assim diz o Senhor: Eis que da tua própria casa suscitarei o mal sobre ti, e tomarei tuas mulheres à tua própria vista, e as darei a teu próximo, o qual se deitará com elas, em plena luz deste sol... E o Senhor feriu a criança que a mulher de Urias dera à luz a Davi; e a criança adoeceu gravemente.” (2 Sm 12: 10, 11, 15)

2.3 Seus métodos de guerra

2.3.1 Mapeamento Espiritual

Um método de guerra usado pelo Movimento de Batalha espiritual é o mapeamento espiritual. Antes de mais nada, segundo os pregadores do movimento, o evangelista precisa conhecer historicamente, politicamente, socialmente e espiritualmente a região onde vai trabalhar. Mapeamento Espiritual consiste em estudar a história do lugar onde deseja-se evangelizar e “discernir” a entidade espiritual que atua nesta determinada região.

Seria o estudo da história da região e das características econômicas, políticas, sociais e morais que lhe são próprias. Em seguida, faz-se uma identificação com o demônio que poderia lhe atribuir estas qualidades.

Peter Wagner diz o seguinte sobre o assunto:

“Uma área relativamente nova da pesquisa e do ministério cristãos, ligada de perto com a questão de nomear as potestades, chama-se “mapeamento espiritual... Trata-se de uma tentativa para ver uma cidade, uma nação ou o mundo inteiro conforme realmente é, e não como parece ser.” 28

Neuza Itioka também fala sobre o assunto da seguinte forma:

“É importante ressaltar que a identificação dos principados e potestades de alta hierarquia espiritual, não se dá apenas pelo dom espiritual, mas, por analisar as características da cidade, conhecendo a história da sua fundação, do seu desenvolvimento.” 29

No esforço em amarrar, expelir e amordaçar demônios “territoriais”, os pregadores do movimento de batalha espiritual ensinam que devemos procurar saber o nome do demônio que estamos guerreando para que possamos ter mais autoridade sobre ele.

Peter Wagner deixa isso bem claro em seu livro “Oração de guerra”:

“Até onde for possível, os intercessores deveriam buscar saber os nomes, próprios ou funcionais, dos principados distribuídos na cidade como um todo e entre os vários segmentos geográficos, sociais ou culturais da cidade.” 30

O mistério de libertação Shekinah, dando ouvidos a este conselho, em seus cursos de libertação, cita uma lista de nomes de demônios:

“Principados ligados a Satanás: Brumaus, Krucitas (atrás das cruzes), Ashtoreth (governa as estrelas), Tremus (tem subordinado leviathan, governador, aprisionando sob aceano – triângulo das Bermudas), Diana (idolatria e prostituição- culto a deuses, tem subordinado 3 autoridades mundiais- Damian, Asmodeus e Belzebu), Dagon (Sacrifício de animais e crianças), Nimrod (guerreiro que prepara a guerra do Armagedom), Dragon Astrologia- consome a sabedoria dos homens- Anticristo), Syria (guerreiro como o príncipe do reino da Pérsia de Daniel). Autoridades mundiais: Damian, Asmodeus, Belzebu, Arios, Mengue-Lesh, Nosferasteus. Outros demônios: Amishie (Costa Rica), Aurius (Protege e leva mensagens a Satanás, como Gabriel faz com Deus), Cumba (África), Izmaichia (Europa e meio Oeste), Krion (América Central), Kruonos e Krutofor (Atacam igrejas que praticam batalha espiritual), Mamom (riqueza), Sinfiris (sede de sangue) e Yemanjá (América do sul).” 31

Uma certa Magnólia de Campos Araújo, teve uma revelação que foi escrita por Mátiko Yamashita 32 (Ministério Batalha Espiritual). Nesta revelação ela entrevista uma série de “principados e potestades”. Essa entrevista, segundo ela, foi dada sob juramento.

O primeiro demônio a ser entrevistado foi Lúcifer. Segundo Magnólia, ele tem a aparência de um cabrito preto, vestido de homem, luvas e sapatos, no pescoço aparecem os pêlos de cabrito. Tem chifres pequenos e bigodes, cavanhaques pequenos e finos. Este disse que são sete príncipes negros, e cada um tem nove subordinados, e cada subordinado tem 32 outros subordinados. Desses 32, 9 são ligados diretamente a ele.

Magnólia perguntou a Lúcifer qual era o príncipe do Brasil. Este, lhe respondeu que atualmente está vago, pois Yemanjá (Aparecida) foi destronada no dia 12 de outubro de 1990. Magnólia perguntou sobre os príncipes de São Paulo e Rio de Janeiro. Lúcifer respondeu-lhe que são o príncipe do inconformismo e o “língua de fogo”, respectivamente.

Um outro demônio entrevistado foi o Minotauro. Segundo as informações do próprio demônio, ele é originado da Grécia antiga. Possui corpo de homem,

cabeça de touro, com chifres voltados para o centro da cabeça. Segundo ele mesmo falou, é anjo caído e gênio da destruição.

Um outro entrevistado por Magnólia foi a Yemanjá. As informações a respeito deste demônio não foram dadas por ele mesmo, mas pelo “Pomba-gira”. Yemanjá é um príncipe comandado por Diana e Dionísio. Tem a aparência de mulher, cabelos longos, usa vestido decotado, longo, azul ou branco.

Quem pensa que para por aí, está enganado. Magnólia “identificou” uma série de outros demônios: Bonzo, Buda, Centauro, Lísipe, Gênio, Fauno Pan Sátiro, Pitonisa de Delfos, Pomba Gira, Espírito de Aborto, Espírito de Bronquites, Benzai-tem ou Benten, Exú Caveira, Xangó e Espírito de Jezabel.

2.3.1.1 O que a Bíblia diz sobre mapeamento Espiritual?

Tento imaginar Paulo escrevendo aos crentes da igreja primitiva a fim de exortá-los a fazer um mapeamento espiritual das cidades onde moravam. Talvez, invés de Paulo falar sobre justificação pela fé aos Romanos, ele diria para que estes identificassem e combatessem o demônio romano. Quem sabe se Paulo não falasse sobre conduta cristã aos Coríntios, ele falasse sobre como amarrar a potestade que regia aquele lugar? Imagino Paulo incentivando aos Colossenses a mapear o seu território ao invés de alertá-los contra as influências do judaísmo e gnosticismo.

Éfeso era uma cidade profundamente religiosa. Os efésios adoravam à Diana, a deusa da fertilidade. Foi construído para ela um templo que durou trinta anos para ser concluído. No seu término, foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo. A imagem de Diana ficava neste templo, era conhecida e adorada por todos cidadãos daquela cidade. De acordo com o relato bíblico (At 19: 1-20), Paulo pregou naquela cidade por três anos.

Houve tal avivamento decorrente da pregação de Paulo que enfermos traziam peças de roupas para que Paulo as tocasse a fim de que seus donos fossem curados, os praticantes de artes mágicas, arrependidos, traziam seus livros para que fossem queimados em praça pública. Em Éfeso, Paulo fundou a igreja mais forte do primeiro século. Tal foi a obra que Deus fez naquela cidade, que o culto a Diana foi perdendo o seu vigor até que em 262 d.C, seu templo foi saqueado e incendiado pelos godos, e fechado pelo édito de Teodósio que fechou todos os templos pagãos.

Qual foi a fórmula de tal sucesso evangelístico? A Bíblia não diz que Paulo antes de entrar a cidade de Éfeso ficou mapeando-a, tentando identificar o demônio que ali estava. Se isso é tão importante fazer, porque Lucas ao dar o relato histórico não nos dá as diretrizes? Na verdade, Lucas conta-nos o segredo do sucesso: “Durou isto por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos.”(At 19:10) A pregação da Palavra de Deus, eis o segredo do sucesso.

Os pregadores do ensino de mapeamento espiritual argumentam que Paulo mapeou a cidade- ainda que não conste no relato bíblico. No entanto, imagino

que se este fato fosse concreto, esperávamos que Paulo não enfrentasse maiores resistências do povo daquela região, conforme ensina o movimento de batalha espiritual. Porém, de acordo com o relato bíblico (AT 19: 23-41), Paulo enfrentou muita oposição.

Jesus nos ordenou: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.” (Mt29: 18,19); “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”. (Mc 16:15). Jesus ao enviar aos doze disse: “... à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus.” (Mt 10:7). Quando enviou os setenta, Jesus disse: “Curai os enfermos que nela houver e anunciai-lhes: a vós outros está próximo o reino de Deus.”(Lc 10:9). Jesus, em momento algum, nos orienta a mapear regiões, descobrir nomes de demônios e amarrá-los. Se isso fosse de suma importância para o sucesso evangelístico, Jesus nos teria ordenado fazê-lo.

Paulo Romeiro comenta sobre isso com muita propriedade: “Ora, não se destrona principados e potestades para depois pregar a Palavra de Deus, mas primeiro se prega a Palavra, pois ela, sim, tem o poder para vencer as potestades malignas.” 33

Horton também comenta sobre isso da seguinte forma:

“O Mapeamento espiritual, promulgado por crescente número de missiólogos, tenta identificar ‘pontos quentes’ de atividade demoníaca com o alvo de ‘amarrar’ os opressores malignos da região. Naturalmente, soa como algo saído de um livro medieval de superstições, mas é levado muito a sério por bom número de líderes evangélicos... Naturalmente, as Escrituras não relatam nenhum exemplo de pessoas se salvando antes de ouvir a pregação da Palavra.” 34

Quero concluir este assunto dizendo que não encontro nas Sagradas Escrituras nenhum respaldo para o ensino de mapeamento espiritual.

Cabe a nós pregar o evangelho do Cristo ressurrecto a toda criatura, crendo que ele é poderoso para a salvação de todo aquele que nele crê e também para expulsar principados e potestades.

2.3.2 Oração de Guerra

“Oração” todo mundo sabe o que é. É o modo como o homem chega até Deus (através de Jesus, é claro), em temor, adoração, louvor, petição e comunhão. No entanto, o que seria oração de guerra?

Chegamos ao cerne da doutrina do Movimento de Batalha Espiritual. Este é o centro, a essência de toda a sua teologia. Todas as demais coisas giram em torno do seu conceito de como fazer guerra a Satanás.

De acordo com os propagadores do Movimento de Batalha Espiritual, existem três níveis de guerra espiritual: (1) O nível solo- que seria a expulsão de

demônios; (2) O nível de ocultismo- que seria o confronto a atividades demoníacas expressas em seitas ocultistas; (3) O nível estratégico- que é a guerra que se faz a espíritos territoriais.

A oração de guerra é feita neste último nível, o nível estratégico. Consiste em identificar os poderes espirituais malévolos atuantes em um determinado lugar e expulsá-los. Como expulsá-los? Ordenando que o façam, declarando, determinando, impedindo os seus atos através da palavra falada.

Neuza Itioka, em seu livro “A igreja e a Batalha Espiritual”, comenta sobre o assunto:

“ Exercer autoridade sobre os demônios significa, não apenas expulsar demônios das pessoas oprimidas, mas, também, exercer autoridade sobre as forças do mal que têm domínio e controle sobre os pecados e vícios, tais como materialismo, violência, sensualidade, miséria e injustiça social bem como resistir e destronar principados e potestades que tem jurisdição sobre áreas geográficas.” 35

Cesar Augusto em seu livro “Guerra Espiritual”, também fala algo semelhante:

“Quando estamos guerreando contra as forças das trevas, sejam dominadores de enfermidades, homossexualismo ou drogas, necessitamos da declaração contra esses demônios, pois através dela, podemos alcançar a vitória.

Há momentos na luta espiritual, que não necessitamos mais de uma oração intercessória e sim usar a autoridade que o Senhor nos deu e declarar a vitória através do nome do Senhor. A declaração ordenativa muda situações e ambientes e nos da a vitória.” 36

De acordo com o ensino do movimento de batalha espiritual, a oração de guerra é a chave para o sucesso da evangelização. A evangelização só pode ocorrer se antes reprendermos, amarrarmos e expulsarmos o “homem forte” que domina no lugar onde evangelizarmos. Tal é a seriedade que este princípio é apregoado que é também chamado de “evangelismo de oração”.

Peter Wagner, em seu livro “Oração de Guerra”, comentando sobre o assunto faz uma citação de outro proeminente pregador da oração de guerra:

“Edgardo Silvoso, assevera que Annacondia e outros proeminentes evangelistas argentinos incorporam em seu trabalho evangelístico uma nova ênfase sobre a guerra espiritual- o desafio aos principados e potestades, bem como a proclamação do Evangelho ao povo, mas também aos carcereiros espirituais que conservam as pessoas cativas. A oração é a variável principal, de acordo com Silvoso. Os evangelistas começam a orar pelas cidades, antes de proclamarem o evangelho ali. E somente depois de sentirem que os poderes espirituais que

Em seu livro “Que nenhum pereça”, Ed Silvoso, sugere uma estratégia de guerra espiritual que consiste em seis passos. No quinto passo, ele aconselha aos leitores da seguinte forma: “Dê início ao ‘assalto total’. Dê início a

‘conquista’ espiritual da cidade, confrontando, amarrando, e expelindo os poderes espirituais que governam a região.” 38

Neuza Itioka, em um curso sobre Batalha Espiritual também dá uma estratégia de oração de guerra:

“(1) Louvando e entronizando ao Senhor, declarando o seu senhorio; (2) confessando os pecados da cidade ou da nação; (3) Pedindo perdão por elas; (4) Identificando os demônios e os príncipes; (5) Amordaçando, amarrando, imobilizando e destronando; (6) Agradecendo a vitória do Senhor; (7) Pedindo que Jesus Cristo venha agir.” 39

Em uma apostila sobre libertação e cura interior, a Missão evangélica “Shekinah” nos oferece um modelo de oração de guerra: “...Satanás, eu te ordeno, em nome do Senhor Jesus Cristo, que saias da minha presença com todos os teus demônios e eu coloco o sangue do Senhor Jesus Cristo entre nós.” 40

Diante de tais ensinamentos, as seguintes perguntas nos atizam a curiosidade: Até que ponto tudo isso é bíblico? Será mesmo que a Bíblia nos ensina a identificar demônios, nas regiões celestiais, e expulsá-los? Será que a forma de Batalha Espiritual nas Escrituras é a oração de Guerra?

2.3.2.1 “Oração” de guerra à luz das Escrituras

A fim de analisar se é bíblico o conceito de repreender potestades e principados, vejamos alguns casos, nas Escrituras, em que o ser humano foi diretamente ou indiretamente atacado por forças malignas.

Primeiro vejamos o caso de Jó. Deus havia dado permissão a Satanás para tocar na vida de Jó: “Disse o Senhor a Satanás: Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão. E Satanás saiu da presença do Senhor.”(Jó 1:12). Decorrente da permissão de Deus, Satanás tirou de Jó bens, família e saúde. No entanto, em nenhum momento vemos Jó dirigindo-se a Satanás e dizendo: “Satanás, você está manietado, amarrado, amordaçado, eu te ordeno que saias da minha vida.”.

Muito pelo contrário, em Jó 1: 21b, nós vemos a incrível declaração deste homem de Deus: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor.” Talvez pensemos que Jó estava errado ao dizer isso, porém, no versículo seguinte, o testemunho bíblico comenta a respeito: “Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma.”

Também podemos ver o caso de Daniel. Em Dn 10, diz que Daniel estava intercedendo a Deus quando o anjo do Senhor apresentou-se a ele e, nos versículos 12 e 13, explicou o que estava acontecendo:

“...Não temas, Daniel, porque, desde o primeiro dia em que aplicaste o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e, por causa das tuas palavras, é que eu vim. Mas o príncipe do reino

da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiro príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia.”

Observe que revelação estupenda foi dada a Daniel- Já vimos que este texto realmente se refere a espíritos territoriais-. Estava havendo uma guerra angelical no reino espiritual. E desta batalha dependia a resposta da oração. Pensemos no que Daniel fez. Será que ele fez “oração de guerra”? Talvez ele tenha ordenado ao espírito maligno da Pérsia que saltasse o anjo. Quem sabe ele não manietou o espírito para poder fortalecer o anjo que estava em apuros? Talvez ele tenha ordenado que Miguel viesse acudir o seu amigo. Não, absolutamente, não. Daniel nem sabia o que estava acontecendo. Ele simplesmente perseverou em oração a Deus, em intercessão, em súplicas diante de Deus.

Também podemos pensar sobre a estratégia missionária de Paulo. Em sua primeira viagem missionária, Paulo viajou juntamente com Barnabé e João. Ele iria passar por cidades como Salamina, Pafos, Perge, Listra, Antioquia da Pisídia, Icônio e Derbe. Nestes lugares, eles iriam ter que enfrentar um mago, pregar para os incrédulos, passar por perseguições, curar um coxo, enfrentar uma multidão que queria sacrificar-lhes e serem apedrejados.

Diante de tantos acontecimentos que estavam por vir, nada melhor do que manietar, amarrar, destituir o diabo. Eles tinham- segundo o pensamento do movimento de Batalha espiritual- que Ter, primeiro, amarrado o principado de cada cidade a se visitar e depois disso pregar as boas novas. Com certeza, eles não teriam, se assim o fizessem, que enfrentar perseguições, e a pregação do evangelho seria mais fácil.

No entanto não foi isso que aconteceu. O Espírito Santo separou a Barnabé e Paulo para esta viagem missionária (At 13: 2). O versículo posterior mostra o que eles fizeram antes de enviar a Barnabé e Paulo: “Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram.” Aí não diz que eles fizeram “oração de guerra”. Não diz que eles primeiro amarraram os demônios das cidades que estavam por passar. Simplesmente fizeram o que se espera de todo homem e mulher de Deus: Jejuaram e oraram a Deus e receberam a bênção daqueles que os estavam enviando.

Outro caso que merece a nossa atenção é quando Paulo quis ir visitar os crentes tessalônicos. Em 1 Ts 2:18, diz: “Por isso, quisemos ir até vós (pelo menos eu, Paulo, não somente uma vez, mas duas); contudo, Satanás nos barrou o caminho.” Vejamos bem. Paulo iria à igreja para fazer a obra de Deus; no entanto Satanás lhe barrou o caminho.

Daí segue-se a pergunta: porque que Paulo – o apóstolo, o homem que revolucionou o mundo de então com o evangelho, o homem que Deus confiou as revelações- não, simplesmente, amarrou o diabo? Seria simples, somente bastava manietar aquele principado de Tessalônica.

Tenho respeito por aqueles que pregam a idéia da “oração de guerra”. No entanto, não vejo apoio bíblico para tal prática. Muito pelo contrário. Judas,

irmão de Jesus, ao escrever sua carta e repreender àqueles que estavam agindo com arrogância, disse:

“Mas quando o arcanjo Miguel, discutindo com o diabo, disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar contra ele juízo de maldição, mas disse: O Senhor te repreenda.” Jd 9

Penso que este texto clama àqueles que vivem a identificar espíritos e repreendê-los. Champlin, comenta:

“Miguel deixou nas mãos de Deus o ‘repreender’ a Satanás. Somente Deus pode fazer isso. Assim os gnósticos supunham um poder tão alto que fazia o que somente deus pode fazer. A lição geral deste versículo é que devemos Ter respeito por elevadas autoridades e poderes espirituais. Devemos respeitar o invisível. Isso repreende tanto o ceticismo como a doutrina falsa.” 41

Sobre a oração de guerra, MacArthur comenta:

“Não podemos lutar no nível humano. Não há palavras ou técnicas carnis que possam vencer uma guerra espiritual. Devemos depender de um plano e de armas espirituais para a batalha. Nossa suficiência em Cristo inclui armas que são divinamente poderosas, as quais podem destruir as fortalezas do mundo dos espíritos e todos seus pensamentos altivos que se levantam contra o conhecimento de Deus. Quais são essas armas? Elas não são frases místicas ou chavões. Não fornecem o poder de repreender ou dar ordens aos demônios. Não há coisa alguma secreta ou misteriosa a respeito destas armas. Elas não são astuciosas ou complicadas.” 42

Ainda falando sobre a oração de guerra, Ricardo Gondin comenta:

“A expulsão de demônios de uma área geográfica parece muito mais uma ação que acontece através de um avivamento da igreja que avança com seu poder de influenciar e converter pessoas e sociedades, que uma ordem que se dê aos principados e potestades.” 43

Por fim, não acredito que expulsar espíritos territoriais através da ordenança seja uma prática eficiente, pois não é bíblica. Entre as armas do crente contra Satanás não se encontra o “ordenar”.

2.3.3 Quebra de Maldição

Um outro método de batalha espiritual, amplamente ensinado, é o de quebra de maldição. Aqui no Brasil os mestres desta doutrina são: Robson Rodovalho, Neuza Itioka, Jorge Linhares, Missão Evangélica Shekinah, entre outros.

De acordo com os mestres da doutrina de maldição hereditária, “maldição” são sofrimentos (mortes prematuras na família, contínuo dividendo financeiro, abortos constantes, separações conjugais, etc.) que afligem as pessoas, ou lugares, ocasionados por “pragas” lançadas por meio de palavras, ou pecados cometidos pelas pessoas ou lugares. Estas aflições repetem-se ao longo da descendência do indivíduo, ou lugar, pela gerência de espíritos maus. Assim,

no futuro, será praticado o mesmo pecado que foi praticado no passado e haverá os mesmos sofrimentos que houveram no passado.

Rebecca Brown define maldição da maneira como se segue:

“Muitos cristãos freqüentam a igreja com regularidade e esforçam-se de todo o coração para terem uma vida piedosa. Entretanto, a despeito de todos os seus melhores esforços, tudo parece não dar certo. Não importa quanto se esforcem, ou quanto aconselhamento recebam, parece que nada funciona. Por exemplo, com que freqüência a gente ouve alguém fazer um comentário como este: “A minha vida ia indo muito bem até o dia em que aceitei Jesus Cristo. Então tudo passou a não dar certo!” Pode até ser que você mesmo tenha declarado algo assim!

Alguns cristãos não conseguem entender por que, apesar de tudo o que fazem, seus filhos viram-se contra eles e contra Deus e caminham pela vereda da destruição. Outros crentes, que aceitaram o Senhor com alegria, cresceram espiritualmente por algum tempo, e então descobriram não terem condições de manter um relacionamento chegado com o Senhor. Sentem-se sem condições de ler e estudar a Bíblia ou de orar, e acabam perdendo o interesse, e vão de mal a pior. Outros ainda lutam durante toda a vida, num andar ora de novo com o Senhor, ora longe do Senhor, não conseguindo estabelecer e manter um permanente andar com ele.

Tais problemas afetam igrejas inteiras, assim como a vida de pessoas em particular. Muitas igrejas caracterizam-se por nelas ocorrerem muitos divórcios e outros problemas dessa ordem em sua membresia. Muitas lutam por anos mas nunca prosperam nem crescem espiritualmente. Com freqüência se dividem e mudam sempre de pastor. Mesmo quando parece que passam por um período de avivamento e de crescimento, logo tudo se perde: muitos membros saem, e a igreja acaba voltando à condição em que estava antes. Por que esse ciclo destrutivo ocorre?

Tais situações desencorajadoras podem resultar de vários fatores diferentes, mas uma razão, que normalmente é desapercibida, é haver uma maldição na vida de alguém, ou em sua família, que nunca foi quebrada. Muitas igrejas estão também debaixo de maldições. Esta é uma área que tem sido muito negligenciada no ensino cristão hoje em dia.” 44

Neuza Itioka, por sua vez, cita alguns casos que são tidos como maldição:

“Sinais possíveis de maldições na Família: repetidas depressões emocionais, repetidas doenças crônicas, repetidos abortos, repetidos divórcios e separações, repetidos alcoolismo, incapacidade de se engravidar, contínua falta financeira, repetidas mortes prematuras, repetidas infidelidades, imoralidades e perversidades sexuais, predisposição para desastre, maldição de guerra.”45

2.3.3.1 A hereditariedade

Essa maldição pode ser hereditária; i, é, os sofrimentos acometidos pela maldição podem passar de pai para filho. “Elas podem ser herdadas [...] Passadas de geração a geração.”⁴⁶ Assim, más ações dos antepassados podem ter um efeito mortal em nossas vidas. “Existe uma transmissão de heranças espirituais das gerações passadas, para nós.”⁴⁷ Não somente os sofrimentos, mas também os pecados podem ser transmitidos. Desta maneira, se uma mulher é prostituta, sua filha também, e, sua neta, tem tendências imorais, com certeza há uma maldição nesta família que está sendo passada de pai para filho.

Vários exemplos são citados para ilustrar esta idéia. As constantes guerras entre tribos no continente africano é um desses exemplos. Segundo a doutrina de maldição hereditária, as guerras na África são conseqüências de pecados de adoração a demônios, ódio e massacres entre as tribos, cometidos por seus antepassados.

Assim “cada tribo é governada por um determinado demônio”⁴⁸ que se encarrega que as tribos cometam os mesmos pecados e sofram as mesmas aflições de seu antepassados. Até mesmo na América ocorre violência entre gangues. Esta violência entre as gangues é ocasionada porque elas são compostas de negros que são alvo da maldição de seus antepassados africanos.

Desta forma, faz-se necessário reconhecer o pecado cometido pelos antepassados e confessá-los a Deus. Para apoiar esta idéia usa-se uma série de textos bíblicos (principalmente vetero-testamentários) onde mostram que “toda vez que houve um avivamento em Israel, a primeira coisa que aconteceu na nação dos hebreus foi a confissão da iniquidade de seus antepassados”⁴⁹. Dentre estes textos pode-se citar Neemias que incitou o povo a confessar os pecados de seus pais (Ne 9:1-3); Daniel que confessou os pecados de seus antepassados (Dn 9:16-17) e Esdras, que de semelhante forma, confessou os pecados de gerações passadas (Ed 9:7).

Ilustrando este pensamento, Rebecca Brown em seu livro “Maldições não Quebradas”⁵⁰, cita o caso de sua amiga Sandy. Sandy era uma cristã dedicada. No entanto foi-se constatado que estava com câncer no pâncreas. Sandy sabia que esta doença era uma maldição da família, pois todos os membros de sua família haviam morrido de câncer no fígado ou no pâncreas, ainda jovens. Porém, esta jovem senhora, por mais que tentasse não conseguia quebrar esta maldição.

Sob o conselho de Rebecca, Sandy fez uma pesquisa da causa desta maldição em sua família e constatou que sua família possuía uma história de imoralidade sexual e divórcios. Somente ela possuía um casamento duradouro. Além de que poucos haviam-se convertido a Cristo. Depois de confessar estes pecados, Sandy foi fazer a cirurgia, e, neste momento, foi constatado que não estava mais com câncer.

3.3.2 Maldição em Objetos

De acordo com os mestres da doutrina de maldição hereditária, os objetos podem ser amaldiçoados. Isso significa que eles podem estar sob influência demoníaca ou, até mesmo, demonizados. Estando assim, estes objetos teriam o poder de influenciar negativamente o local ao seu redor e às pessoas envolvidas com ele. A simples presença desses objetos malditos em algum lugar, ou o seu uso, ou, até mesmo, um simples toque, pode acarretar em muito sofrimento para o indivíduo. Desta forma, faz-se necessário todo um cuidado com os pertences que há em casa, como também com aqueles que vai-se adquirir; por isso, “vasculhe a sua casa. Será que você tem estatuetas de entidades demoníacas em sua casa? [...] fique atento, porque muitos dos brinquedos infantis na verdade são estatuetas de demônios.”⁵¹

Estes objetos, geralmente, são pertencentes ao rito do culto afro, estatuetas e souvenirs indígenas, símbolos de outras religiões ou brinquedos infantis.

Para respaldar esta ideia, são citados vários versículos bíblicos como Lv 5:2; Ez 44:23; Nm 16:26; Dt 7:25-26; 2 Co 6:17.

Jorge Linhares, em seu livro *Bênção e Maldição*, expressa seu pensamento sobre o assunto da seguinte forma:

“Precisamos verificar se não temos permitido adentrar em nosso lar objetos que são por natureza amaldiçoados — objetos que temos de lançar fora e de preferência queimar ou destruir.

- Imagens de escultura ou ídolos. Deus proibiu terminantemente que tenhamos por objeto de culto qualquer imagem à semelhança de homem, de nada que existe nos céus, na terra, nem nas águas debaixo da terra; imagem, quadros ou gravura de santos, esculturas de Buda, etc. (Êx: 20.2,3).
- Objetos usados ou levados a centro espírita e terreiros de macumba para serem benzidos: lenços, roupas íntimas, garrafas com chá, patuás, correntes, braceletes, figas, pedras, amuletos em geral.
- Objetos de práticas ocultistas: baralho, cartas de tarô, horóscopo, búzios, roda de numerologia, pirâmides, duendes.
- Quadros ou objetos artesanais, de origem desconhecida, e que transmitem mensagem deprimente, de pavor, de tristeza. As vezes pensamos que estamos lidando apenas com peças de artesanato, quando na verdade são símbolos de cultos ou cerimoniais pagãos.”⁵²

Rebecca Brown concorda com Jorge Linhares e, em seu livro, fala algo semelhante:

“Qualquer objeto que foi feito para uso no culto a Satanás é amaldiçoado e não pode ser purificado. Tem que ser destruído. Exemplos de coisas assim são ídolos, estátuas de santos e entidades, e jóias com símbolos ocultistas. Cerca de metade das lembranças de turismo encontradas nas lojas em todo o mundo

são objetos amaldiçoados. Por quê? Porque com frequência são artigos pertencentes à cultura local que geralmente têm envolvimento com algum tipo de culto a demônios.

Você já viajou para o exterior e trouxe para casa imagens esculpidas de entidades, como souvenirs? Em muitas igrejas por onde passei, a primeira coisa que vi ao entrar no gabinete pastoral foi um conjunto de lembranças trazidas de suas viagens ao exterior, e de suas viagens missionárias. Muito freqüentemente tais “lembranças” incluíam estátuas de deuses demoníacos! Essas coisas trazem uma maldição para a vida do pastor e para a igreja.”⁵³

Ainda argumentando sobre o conceito de maldição em objetos, Rebecca conta sua experiência com os artefatos do rei egípcio Tutancâmon. De acordo com Rebecca, em seu tempo como estudante de medicina, foi a uma exposição, realizada em seu país, dos objetos escavados do túmulo do Rei Tutancâmon do Egito. De corrente desta visita aos artefatos, Rebecca ficou muito doente por treze anos. Depois de muito sofrimento, chegou à conclusão que suas enfermidades foram consequência de sua exposição aos objetos amaldiçoados de Tuntancâmon.

2.3.3.3 Maldição em lugares

Os mestres da doutrina de maldição hereditária acreditam que não só objetos podem ser amaldiçoados mas, também, que lugares podem sê-lo. De acordo com estes mestres, casas, vilarejos, bairros, cidades, nações inteiras e, até mesmo, igrejas podem ser vítimas de maldição, acarretando aos seus moradores sofrimentos crônicos de miséria, pobreza, adultério, mortes prematuras, etc.

Jorge Linhares, ensinando sobre isso, diz que as “cidades também podem estar amaldiçoadas; portanto, tudo o que há nelas – o povo, o solo, hospitais, fábricas, etc. – está sob maldição.”⁵⁴

Rebecca Brown também fala do assunto:

“Uma terra e uma propriedade podem tornar-se amaldiçoadas por diversas razões. A primeira delas pode ser porque alguém, a serviço de Satanás, lançou uma específica maldição sobre uma determinada área. Muitas terras nos Estados Unidos acham-se amaldiçoadas pelos índios americanos. Um exemplo disso é a região do desfiladeiro do rio Colúmbia, na fronteira dos estados de Oregon e Washington. Os dois lados do rio Colúmbia estão pontilhados por uma série de pequenas cidades. Nessas cidades há muitas igrejas que são pequenas e derrotadas. Nunca ocorreu um avivamento ou um movimento maior do Espírito Santo naquela região.

A segunda maneira pela qual propriedades podem estar amaldiçoadas para os cristãos é por terem sido dedicadas ao serviço de Satanás e de espíritos demoníacos. Todo cristão que venha à propriedade para nela viver é oprimido por espíritos demoníacos residentes no local, e é amaldiçoado por esses demônios.⁵⁵

Finalmente, determinadas propriedades às vezes têm uma maldição em si por causa dos pecados dos antigos proprietários e residentes. Os espíritos demoníacos tomam residência na propriedade pelo pecado das pessoas que a possuem ou que moram nela. Uma outra pessoa que depois vem morar no local ficará sob opressão por aqueles demônios (por suas maldições), a menos que a propriedade seja purificada.

2.3.3.4 O Poder das Palavras

Nos tempos do Velho Testamento, era comum entre as nações fetichistas, a crença em espíritos bons e maus que preenchiam toda a atmosfera. Estes espíritos poderiam ser manipulados para o bem ou para o mal através da magia. Esta magia era efetivada por ritos que incluíam sacrifícios e, também, palavras. Considerava-se que estas palavras “mágicas” tinham um poder em si mesmo para realizar o fim no qual foi proferida. Assim, vê-se Balaque pedindo para Balaão proferir uma fórmula de maldição que provocasse a ruína de Israel (Nm 22), como, também, Golias, esconjurando a Davi (1 Sm 17).

Da mesma forma, a doutrina de Maldição hereditária têm ensinado que as palavras proferidas pelo indivíduo têm o poder de trazer, a ele mesmo ou a outros, bênção ou maldição. Assim, o indivíduo deve prestar mais atenção no que diz, principalmente nas palavras negativas como: “você é um burro, não sabe fazer nada”, etc. Estas palavras são respaldadas por espíritos maus (demônios) que fazem com que se realizem.

Jorge Linhares fala sobre o assunto da forma como se segue:

“Maldição é a autorização dada ao diabo por alguém que exerce autoridade sobre outrem, para causar dano à vida do amaldiçoado. Na maioria das vezes não temos consciência de estar passando-lhe essa autorização; em geral o fazemos mediante prognósticos negativos, o que é popularmente conhecido como “rogar praga”. É um dizer profético negativo sobre alguém.

A maldição é a prova mais contundente do poder que têm as palavras. Prognósticos negativos são responsáveis por desvios sensíveis no curso de vida de muitas pessoas, levando-as a viver completamente fora dos propósitos de Deus.

As pragas se cumprem. É por desconhecermos o poder de nossas palavras que vivemos amaldiçoando nossos filhos, nossos parentes, as autoridades, e, inclusive, nossos próprios negócios.

Quando usamos os lábios para amaldiçoar estamos chamando a nós o que existe no inferno.

É temerário amaldiçoar porque as maldições podem acarretar grandes consequências, dentre elas a opressão e a possessão demoníacas.”⁵⁶

Kenneth Copeland, falando sobre o poder da palavra de trazer maldição, diz o seguinte:

“A língua de vocês é o fator decisivo na sua vida.. Vocês podem controlar Satanás aprendendo a controlar a própria língua. Vocês têm sido condicionados, desde o nascimento, a falar palavras negativas, carregadas de sentimentos de morte. Inconscientemente, em sua conversação diária, vocês usam palavras que se referem a morte, enfermidade, ausência, temor, dúvida e incredulidade: Quase morri de susto! Estou morrendo de vontade de fazer isso ou aquilo. Pensei que ia morrer de tanto rir. Ainda morro disso! Isso me deixa doente! Essa confusão está acabando comigo. Acho que vou pegar um resfriado. Não aguento mais isso. Duvido que... Quando proferem essas palavras vocês nem suspeitam do que acontece, mas estão trazendo sobre si mesmos forças negativas e brasas incandescentes... Suas palavras liberam os poderes de Satanás.”⁵⁷

A Missão Shekinah também fala sobre isso da seguinte forma:

“Há poder em nossas palavras, para morte e para vida. Toda palavra que sai de nossa boca, é usada ou por satanás ou pelo Espírito Santo. Não há palavra perdida. Toda palavra torpe ou maldita é usada por Satanás para transformá-la em produto contra nós, ou contra quem pronunciamos. Toda palavra de benção é usada pelo Espírito Santo de Deus, para transformá-la em produto para abençoar nossas vidas, ou de quem abençoamos. Quantas vezes, apesar do Espírito Santo morar em seu interior, você usou a sua boca e lançou palavras. Talvez até em momentos de ira, nervosismo, e estas palavras estão ecoando até hoje como maldição: Contra você mesmo : “Eu não presto para nada”, “Eu sou gorda demais”; “Contra seu marido/esposa: “Você não presta”, “Você nunca será alguém na vida”; Contra seu salário : “Esta micharia de novo”, “Este mês não vai dar”; Contra seus filhos: “Você é burro”, “Você é preguiçoso”, “Você é rebelde”, “Você é igual ao seu pai (mãe)“- pejorativamente, “Você é uma prostituta”. Às vezes recebemos palavras de maldição de nossos pais, irmãos, pessoas, etc. Temos autoridade no Nome de Jesus, para cancelar toda palavra de maldição, toda sentença lançada contra nós.”⁵⁸

2.3.3.5 A feitiçaria

Magia é “ a exploração de poderes miraculosos ou ocultos, por métodos cuidadosamente especificados para atingir finalidades que doutro modo não podiam ser alcançadas.”⁵⁸ Esta magia envolve rituais que visam manipular os espíritos bons e maus para fazer, respectivamente, o bem e o mau a um determinado indivíduo ou lugar.

A doutrina de maldição hereditária crê que maldições podem ser lançadas, com sucesso, à pessoas (inclusive cristãs) e lugares, através de rituais de Feitiçaria, Magia Negra, Vodou, Umbanda, Candomblé e outros. Rebecca Brown comenta sobre isso:

“Pessoas envolvidas no ocultismo freqüentemente se voltam contra os cristãos. Eles têm que realizar vários rituais, ou ‘trabalhos’, para fazer com que os demônios realizem as tarefas que eles desejam.”⁵⁹

Para melhor compreensão faz-se necessário ver alguns destes rituais. Um ritual muito interessante são os desenhos. Crê-se que existem determinados desenhos – feitos em muros, casas, igrejas, empresas, etc. -, de procedência ocultista, que são alojamento de demônios “observadores”. Então, estes demônios teriam a função de observar a região em redor e impor sofrimentos a quem ele foi destinado. Para quebrar esta maldição fa-ze necessário ungir com óleo o desenho e, em seguida, apagá-lo do local em que foi desenhado.

Um outro ritual usado para lançar maldições é o uso de objetos pessoais. Nesse ritual, o feiticeiro utiliza um objeto pessoal para realizar seu agouro à pessoa objeto.

Alguns, comumente usados, são as “fotos, fios de cabelo, pedaços de unha e roupas da pessoa. Essas coisas são usadas como marcadores. O espírito demoníaco envolvido com tais rituais exige essas coisas para que possa identificar a pessoa a quem ele está sendo enviado para afligir.”⁶⁰ Para quebrar esta maldição, faz-se necessário pedir para Deus destruir o objeto que está de posse do feiticeiro e, em seguida, expelir todos os demônios oriundos desta maldição.

A maldição pode ser lançada, também, através de animais ou bichinhos de estimação e presentes recebidos. Neste caso, o feiticeiro pode lançar uma maldição sobre o animal da pessoa ou colocar um feitiço em um objeto e presentear a pessoa com este objeto. Em ambos os casos, a consequência são infortúnios para a pessoa objeto. Neste dois casos, a maldição é desfeita através da unção com o óleo.

2.3.3.6 Espíritos Familiares

Um outro conceito da doutrina de maldição hereditária, amplamente divulgado, é o de “espíritos familiares”. Espíritos familiares são demônios que, devido ao pecado de algum antepassado, acompanha geração a geração, impondo-lhes aquele mesmo pecado. Se uma determinada pessoa comete o pecado de adultério, por exemplo, ela deu oportunidade a demônios de transmitirem os mesmos pecados à sua descendência.

Ricardo Mariano define esta idéia da seguinte forma:

“Os que pregam acerca de tais espíritos crêem que um indivíduo, crente ou não, tendo ancestral que pecara ou mantivera ligações com espiritismo, idolatria ou quaisquer práticas religiosas antibíblicas, carrega consigo a maldição provocada pelo demônio herdado. Para libertar-se, precisa renunciar ao pecado e às ligações demoníacas de seus ancestrais e ‘quebrar’, por meio do poder de Deus posto em ação pelo culto de intercessão, as maldições hereditárias.”⁶¹

O texto mais usado para defender esta idéia é Lv 19:31, na versão “King James”:

“Não vos voltarei para os que tem espíritos familiares, para serdes contaminados por eles. Eu sou o Senhor.”

Robson Rodovalho, em seu livro “Quebrando as maldições”, explica este pensamento da maneira como se segue:

“Deus tão somente entrega aquela família ou indivíduo, a sofrer as ações dos espíritos familiares que induziam seu antepassados àquelas práticas pecaminosas. Desta forma, as heranças espirituais são transmitidas de geração a geração e é por isso que se cumpre o provérbio popular: Tal pai... Tal filho.”⁶²

“Há um acompanhamento, por parte destes demônios, sobre as famílias. E eles transmitem os mesmos vícios, comportamentos e atitudes de que temos falado.”⁶³

Segundo Robson Rodovalho, estes espíritos familiares são encarregados de transmitir maldições para as gerações posteriores. Seus campos de atuação são: casamento, violência, enfermidade, vícios, loucura e destruição das finanças.

A Missão Evangélica Shekinah ainda fala sobre isso da seguinte forma:

“O problema teológico é facilmente explicado. O pecado dá direito legal à satanás de gerar consequências nas gerações futuras.

Ele se utiliza de espíritos malignos familiares, demônios específicos que controlam cada família.

Veja porque no espiritismo realiza-se uma sessão chamada de consulta ao morto (falecido). Muitos, por ignorância, crêem que o espírito que incorporou no médium é verdadeiramente do falecido, pois ele fala como se fosse o falecido, diz as coisas que ele gostava, etc. Mas na verdade, é o espírito familiar maligno que acompanha aquela família, por alguma legalidade. Estes espíritos familiares cumprem a função descrita em I Pedro 5: 8 “...o diabo, vosso adversário, anda em derredor...”, pois ele não é onipresente. Eles acompanham aquela família, geração após geração, esperando uma brecha para penetrar (assim como no caso de Judá até Davi). Também se utilizam da ignorância do homem.”⁶⁴

A Missão Shekinah ainda falando sobre isso, oferece uma lista de áreas onde estes espíritos familiares atuam. Entre estas está:

“Espíritos familiares na área de temperamentos e caráter: 01. Injustiça 02. Dolo 03. Detração (depreciar, reputação) 04. Assaltos 05. Assassinatos 06. Furtos 07. Fraudes 08. Falta de misericórdia 09. Difamação 10. Maldade 11. Calúnia 12. Injúria 13. Crueldade 14. Malignidade 15. Orgulho 16. Vaidade 17. Presunção 18. Cobiça 19. Covardia 20. Mentira 21. Rebeldia 22. Maledicência 23. Malícia 24. Ganância 25. Avareza 26. Dissensão 27. Brigas 28. Rixas 29. Língua Desenfreada 30. Ciúmes 31. Inimizades 32. Porfias 33. Criticismo 34. Murmuração 35. Timidez 36. Vingança 37. Ódio 38. Ira 39. Inveja 40. Engano

41. Medo 42. Pânico 43. Devaneios (fantasias) 44. Procrastinação (demora em tudo) 45. Infidelidade a Deus e aos homens 46. Maus tratos às crianças(espancamento, julgamento, falta de respeito) 47. Delação de pessoas inocentes 48. Amaldiçoar os pais e os descendentes 49. Morte 50. Suicídio 51. Acidentes e desastres 52. Vícios, Álcool, drogas, jogos, etc. Espíritos familiares ligados à seitas e religiões: 01. Espiritismo – Kardecismo, Umbandismo, Candomblismo, Macumbaria, satanismo,etc. 02. Idolatria – católica romana 03. Seitas diversas: Maçonaria, Rosa Cruz , Pró-Vida, Nova Era, Mormonismo, Testemunha de Jeová, etc. 04. Cangaço, Canibalismo, Guerras religiosas, Sacrifício de crianças, pessoas e animais. Perseguição aos judeus e cristãos (italiano, alemão) 05. Incredulidade em todas as formas. Colaboração para construção de templos pagãos. Espíritos familiares ligados à area de comportamento social: 01. Guerras (todos os tipos, político, social, religioso); 02. Revolução (esp. revolucionário) 03. Facismo; 04. Nazismo 05. Comunismo 06. Racismo 07. Racionalismo 08. Despotismo (poder absoluto) 09. Intelectualismo 10. Materialismo 11. Anarquismo 12. Consumismo 13. Feudalismo 14. Terrorismo 15. Colonialismo 16. Preconceitos 17. Fazer acepção de pessoas 18.Traição 19. Máfia 20. Contrabando 21. Autoritarismo

22. Controle 23. Mau uso de poder 24. Opressão aos pobres 25. Prejudicar viúvas, órfãos, pobres, utilizando-se de meios escusos 26. Falsos testemunhos 27. Derrota 28.Miséria 29. Síndrome de bancarrota 30. Violência social 31. Mutilação de pessoas 32. Cárcere privado 33. Executor como carrasco, pistoleiro 34. Pirataria 35. Tráfico de escravos 36. Escravatura 37. Roubo de tesouro e terras 38. Espólio (tirar por fraude

ou violência) 39. Saques de aldeias 40. Tortura de pessoas”65.

2.3.3.7 Árvore Genealógica

Segundo os pregadores da “maldição hereditária”, quando se constata alguma maldição na vida de alguém, de alguma coisa ou lugar, deve-se pesquisar os motivos pelos quais a maldição teve amparo; i, é, a “brecha”. No caso de coisas, pode-se fazer uma pesquisa de sua procedência – quase sempre, são objetos oriundos de culto afro -. No caso de lugares, é necessário fazer uma pesquisa – em muitos casos muito dispendiosas – para se descobrir as causas da maldição. Por exemplo, o Brasil sofre a maldição da miséria porque na colonização os portugueses abriram “brecha” roubando o tesouro nacional e, os políticos de hoje, ainda causam esta brecha. No caso de pessoas, faz-se necessário pesquisar os ancestrais do indivíduo, para ver se alguém, no passado, cometeu algum pecado e, conseqüentemente abriu a “brecha”, desencadeando uma maldição. A essa pesquisa dos ancestrais chama-se árvore genealógica.

Vejamos o que diz Robson Rodovalho, em seu livro “Quebrando as maldições” :

“...quando percebemos existir maldições hereditárias nas pessoas, pedimos para que ela faça uma gráfico da árvore genealógica, até a Quarta ou Quinta

geração ou até onde tem informações. E tentem escrever como foram aqueles antepassados. Como foram suas práticas, vícios e a história da vida deles.

A partir dali, tentamos discernir se existem maldições que entraram na família, e em oração os quebrar. Temos que até interceder, pedir perdão por pecados que aqueles antepassados tiveram, e quebrar os pactos que fizeram.”⁶⁶

Ainda instruindo seus leitores a realizar tal prática, Robson Rodovalho indica como fazer esta árvore genealógica: (1) Começar desenhando as raízes que representam a herança familiar; (2) Desenhar o solo que representa o apoio com que conta a família; (3) Pensar e desenhar o tipo de árvore que deseja representar; (4) Desenhar um galho representando cada pessoa da família; (5) Colocar o nome da família na parte superior do desenho; (6) Comentar sobre o desenho ao cônjuge.

2.3.3.8 Outros Procedimentos para se quebrar a maldição

Fazer a árvore genealógica não basta para quebrar uma maldição, isso somente informa sobre os motivos pelos quais ela está afligindo alguém. Quais seriam, então, os procedimentos, a se tomar, depois que se descobre a existência da maldição? De acordo com os mestres da doutrina da maldição hereditária, existem certos procedimentos que deve-se tomar a fim de quebrar as maldições:

(1) Reconhecer que Cristo tomou sobre si as nossas maldições; i. é, reconhecer que não se precisa tolerar a maldição, pois, Cristo, levou o fardo de todas as maldições; portanto, qualquer maldição que, porventura, o indivíduo possa levar é, meramente, fruto de seu conformismo.

(2) Pedir perdão pelos antepassados. Deve-se assumir o pecado cometido pelo antepassado, confessando e arrependendo-se dele.

(3) Orar quebrando, rejeitando, anulando, negando, renunciando as maldições. Assim fazendo, todos demônios ligados a maldição são expelidos.

Sobre isso, Robson Rodovalho fala da seguinte forma:

“Faça uma lista das características pecaminosas da sua família e ore fazendo campanhas, renúncias, para quebrar estas maldições em seu viver, Que não haja nenhuma maldição , nenhum legado sobre a sua vida, que seus pais possam Ter transmitido, mas que seja quebrado trazendo a única herança da bênção, a bênção de Cristo Jesus.”⁶⁷

Rebecca Brown instrui a quebrar a maldição da seguinte forma:

“Se a maldição proveio de Satanás, e ele teve direito legal para fazer isso, tome os seguintes passos:

§ PRIMEIRO PASSO: Confesse e reconheça o pecado que deu a Satanás e/ou a seus servos o direito de lançar uma maldição em você. Arrependa-se e peça a Deus perdão e purificação.

§ SEGUNDO Passo: Em voz alta, tome autoridade sobre a maldição em nome de Jesus Cristo e ordene que ela seja quebrada de imediato.

“Por exemplo: “Em nome de Jesus Cristo eu tomo autoridade sobre esta maldição e ordeno que ela seja quebrada agora!”

§ TERCEIRO PASSO: Ordene a todos os espíritos demoníacos relacionados com tal maldição que saiam de sua vida imediatamente, em nome de Jesus.

Por exemplo: “Em nome de Jesus Cristo, ordeno que todos os demônios relacionados com esta maldição saiam da minha vida agora!”

Se Satanás o amaldiçoou sem ter tido o direito legal para tanto, então tome os seguintes passos:

§ PRIMEIRO PASSO: Falando em voz alta, tome autoridade sobre a maldição, em nome de Jesus Cristo, e ordene que ela seja quebrada de imediato.

Por exemplo: “Em nome de Jesus Cristo, eu tomo autoridade sobre esta maldição de... e, ordeno que seja quebrada agora!”

§ SEGUNDO PASSO: Ordene a todos os espíritos demoníacos relacionados com a maldição que lhe deixem imediatamente.

§ Por exemplo: “Em nome de Jesus Cristo, ordeno que todos os demônios relacionados com esta maldição vão embora da minha vida agora!”⁶⁸.

2.3.4 A Maldição hereditária à luz das Escrituras

2.3.4.1 Etimologia da palavra “Maldição”

Segundo o Novo Dicionário de Língua portuguesa⁶⁹, “maldição” vem do Latim “maledictione” e significa o ato ou o efeito de amaldiçoar ou maldizer; praga; desgraça, infortúnio, calamidade.

Existem quatro palavras hebraicas que, geralmente, são traduzidas como maldição. São elas: ‘arar (gr. Kataraoimai), ‘alâ (gr. Epikataratos), qälal (gr. Kataraoimai) e qäbab.

‘arar

A palavra hebraica ‘arar é um verbo que tem como raiz ‘-r-r. Citando Brichto, o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento diz que ‘arar vem da palavra acadiana aräru que tem o sentido de “capturar, prender”. Segundo o Dicionário, ‘arar significa, portanto, “prender (por encantamento) , cercar com obstáculos, deixar sem forças para resistir”⁷⁰. O sentido é de banimento ou estado de inexistência de Bênçãos.

Segundo o Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento⁷¹, quando a palavra ‘arar é usada, ela está envolvendo três categorias gerais: (1) Declaração de punição (Gn 3:14,17); (2) proferir de ameaças (Jr 11:3; 17:5; Ml 1:14); (3) proclamação de leis (Dt 27:15-26; 28:16-19).

Assim sendo, todas estas categorias envolvem a conseqüência da quebra do relacionamento de alguém com Deus, i. é, o estado a que se chegou por ter quebrado a aliança, um estado de separação, de banimento.

‘älâ

Esta palavra é usada 35 vezes no Antigo Testamento. É um substantivo usado para expressar o juramento solene entre os homens (Gn 24:41; 26:28) e entre Deus e os homens (Nm 5:21 e ss; Jz 17:2; 1 Rs 8:31).

A palavra derivada ta’älâ tem o sentido de “punição para um juramento quebrado”. Ela ocorre somente uma vez no Antigo

Testamento, em Lm 3:65: “Tu lhe darás cegueira de coração, a tua maldição imporás sobre eles.”

Qälal

Esta palavra é usada 42 vezes no Antigo Testamento. Significa “ser sem importância, insignificante, coisa pouco valorizada”. A raiz desta palavra, q-l-l, ocorre 130 vezes e exprime a idéia de desejar a outra pessoa uma posição inferior. Em Ne 13:25, vê-se Neemias pronunciando uma qälal, i, é, uma fórmula de maldição. Em 2 Mac 4:2 encontramos esta expressão traduzida da seguinte forma: “falar mal de...”

Qelälä é o substantivo derivado de qälal.. A ênfase dada neste substantivo exprime a idéia de ausência de um estado abençoado e o rebaixamento a um estado inferior. Ou seja, a fórmula de maldição seria a expressão do estado de maldição. É a idéia (pensamento) da posição de insignificância. Esta palavra representa o estado descrito e possível (Dt 11:26; 30:19), enquanto que ‘arar é o próprio estado a que se chegou.

O Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento, tratando sobre isso, comenta da seguinte forma:

“Os pagãos achavam que os homens eram capazes de manipular os deuses. É por isso que Golias amaldiçoou Davi (1 Sm 17:43) e Balaão foi chamado a amaldiçoar Israel (Nm 22:6). Entretanto a maldição infundada não possui efeito algum (Pv 26:2). Somente as fórmulas divinas (de Bênção e maldição) são eficazes (Sl 37:22). Conforme Deus disse a Abraão, “os que te amaldiçoarem [qälal]” (i. é, pronunciarem uma fórmula) “[eu os] amaldiçoarei [‘arar]” (i. é, eu os porei na posição de vergonha que te desejarem). Amaldiçoar o profeta de Deus eqüivalia a atacar o próprio Deus e a trazer sobre si o juízo divino, como foi o caso com os rapazes que difamaram (cf. qälas) Eliseu e foram por este amaldiçoados (qälal, 2 Rs 2:24)”⁷².

Qäbab

Uma outra palavra traduzida como maldição é qäbab. Esta palavra ocorre 15 vezes no Velho Testamento. Ela exprime a idéia de pronunciar uma fórmula com o propósito de trazer malefícios ao seu alvo. A ênfase desta palavra é o

poder inerente às palavras para provocarem o mal desejado. Ela aparece, principalmente, nas narrativas de Balaão e Balaque (Nm 23:8). Isso se dá, talvez, porque Balaque cria na possibilidade da magia (fórmulas que prejudicavam ao objeto) e por querer utilizar-se desta magia.

2.3.4.2 A Maldição nas culturas antigas

Nas culturas antigas, era ordinária a busca pelo sobrenatural quando os métodos naturais não tinham eficácia diante de suas necessidades. Essa busca pelo sobrenatural era conhecida como “magia”. A magia era “ a exploração de poderes miraculosos ou ocultos, por métodos cuidadosamente especificados para atingir finalidades que doutro modo não podiam ser alcançadas.”⁷³ Sobre isso comenta Antônio Neves:

“Desde tempos imemoriais se cultivava a magia. A idéia fetichista de que o mundo está povoado de maus e bons espíritos e que os maus podem ser propiciados por meio de oferendas, rezas e tantas outras invenções pagãs, oferecia vasto campo a explorações nas credices populares. Todos os povos palestinos eram dados a essas práticas, mesmo que não sejam considerados propriamente povo fetichista, mas apenas idólatras.”⁷⁴

Lothar Coenen também fala da seguinte forma:

“No pensamento da antigüidade, a palavra tem poder intrínseco que é liberado pelo ato de pronunciá-la, e independente deste ato. A pessoa amaldiçoada é assim exposta a uma esfera de poder destrutivo. A maldição opera de modo eficaz contra a pessoa execrada, até que se esgote o poder inerente na maldição.”⁷⁵

No Egito, a magia era efetivada através de rituais que representavam o resultado desejado; i, é, se o mágico quisesse destruir o inimigo, ele faria uma imagem de cera de seu inimigo e, em ritual, destruiria o boneco. A magia também era efetivada através de pronunciamentos de palavras que eram tidas como eficazes para a efetivação do encantamento. Em geral, a magia era utilizada para beneficiar os vivos e os mortos.

Segundo Douglas, as funções das magias egípcias podem ser classificadas da maneira como se segue: “Defensiva, produtiva, prognóstica, malévola, funerária e operadora de maravilhas.”⁷⁶

A magia defensiva visava a defesa contra coisas que podiam lhes afligir, como serpentes, escorpiões, etc. A magia produtiva era utilizada para facilitar diversas ocasiões da vida como o parto, a relação sexual e abrandar más condições atmosféricas. A magia prognóstica tinha como finalidade a predição de acontecimentos futuros. A magia malévola, ainda que punida pela lei, era empregada para acometer alguma espécie de mal aos outros. A magia funerária visava prover capacitação aos mortos para vencerem dificuldades no mundo vindouro. Por fim, a magia operadora de milagres concedia aos mágicos renome, por desvendar suas habilidades miraculosas.

Os medos e persas também tinham elementos de magia em sua cultura e, principalmente, em sua religião oficial. Sua magia originou-se, principalmente, dos sumérios de 3.000 a.C. O Zoroastrismo é uma religião de origem persa. Interessante notar (a fim de ressaltar o envolvimento desta cultura nas artes mágicas) que os sacerdotes do zoroastrismo são chamados de “magi” e esta é a origem da palavra portuguesa “mágica”. Esta mágica era praticada com o mesmo sentido que era praticada no Egito. Ela visava os interesses tanto dos vivos como dos mortos. Como no caso do Egito, a magia era praticada por sacerdotes eruditos. Chanplim divide em três as técnicas empregadas pelos medo-persa na magia:

“1. técnicas puramente práticas; 2. técnicas cerimoniais; 3. técnicas que combinam o prático com o cerimonial. Na magia prática, o indivíduo simplesmente faz algo que foi declarado como bom pelo feiticeiro ou sábio. Realiza certos atos. Na magia ritualística, há encantamentos e agouros, algumas vezes acompanhados por ritos sacrificiais elaborados. Divindades, demônios, forças cósmicas, forças da natureza, etc., são invocados como auxílios. Acredita-se que certas palavras revestem-se de poder, e que certas orações, declarações, etc., necessariamente atraem os poderes superiores. Certos atos podem ser reforçados por rituais e orações, e nisso temos algo que pertence à terceira classificação de técnicas.”⁷⁷

A civilização hindu elaborou-se por volta de 1500 a 800 a.C. Sua religião era marcada pelo conformismo às regras e costumes, como também às práticas mágicas bastante numerosas. Também era marcada pelo panteísmo, onde a divindade ficava à disposição do homem que pode manipulá-la através do sacrifício ou devoção. A magia nesta civilização era comum. Ela envolvia todos os aspectos da vida: saúde, trabalho, sexo, etc. Suas principais maneiras de se fazer magia são alistadas por André Aymard e Jean Auboyer:

“Fórmula murmurada (mantra), as transferências dos problemas humanos para objetos ou animais, enfim, encantos e amuletos que devem assegurar a longa vida, curar ou combater as doenças, afastar as más influências, banir os aborrecimentos e sofrimentos, conquistar o amor do ser amado etc.”⁷⁸

A vida civilização chinesa era marcada pela crença em um mundo divino e demoníaco, cujo favor deve ser buscado. Para que isso acontecesse, o indivíduo deveria saber quais os deuses e espíritos que lhe correspondiam, a partir de sua posição social, função e dever. No ritual para se buscar o favor desses espíritos “a oração tem um valor de certo modo mágico e opera por si mesma, se pronunciada corretamente, no momento desejado e nas circunstâncias pedidas.”⁷⁹

Assim, era comum a crença em maldições. Para estes povos, a maldição era um desejo exteriorizado em forma de palavras ou, até mesmo, de ritos; estas palavras e ritos, segundo se pensava, tinham o poder intrínseco de realizar o desejo expresso.

William L. Coleman, definindo o termo “encantamento”, diz o seguinte:

“Eram formas de tentar afetar a vida de outrem para o bem ou para o mal por meio de dizeres ou magias. Tais práticas foram largamente empregadas durante o período da história bíblica... Aquele povo tinha muita fé em bênção e maldições.”⁸⁰

De semelhante forma, Chanplin define encantamento da seguinte forma:

“Os encantamentos são aquelas práticas, comuns entre os povos primitivos, de usar fórmulas verbais ou ritos mágicos que encorajariam os poderes sobrenaturais a entrar em ação, praticando o bem ou o mal, abençoando ou amaldiçoando as pessoas, exorcizando os demônios, provocando experiências místicas ou curando enfermidades. Essas fórmulas verbais são faladas ou entoadas e, geralmente, fazem parte de rituais para todos os tipos de ocasiões.”⁸¹

Mary J. Evans, também comenta sobre o assunto da seguinte forma:

“Na Mesopotâmia, parece que aquela vida foi dominada lidando com o terror de maldições e agouros. Estas maldições eram invocadas por indivíduos e a sensação é que os deuses não podiam escolher não agir. A pessoa tinha a impressão que a maldição age totalmente independentemente da relação entre o indivíduo e os deuses dele.”⁸²

Um exemplo desta crença antiga, é o caso de Balaão e Balaque (Nm 22,23). Balaque era um rei Moabita que contratou Balaão para amaldiçoar Israel. As palavras de Balaque expressam sua crença no poder intrínseco das palavras em trazer benefícios ou malefícios ao seu objeto:

“Vem, pois, agora, rogo-te, amaldiçoa-me este povo, pois é mais poderoso do que eu; para ver se o poderei ferir e lançar fora da terra, porque sei que a quem tu abençoares será abençoado, e a quem tu amaldiçoares será amaldiçoado.” (Nm 22:6).

Já vimos que a palavra hebraica usada por Balaque foi “qābab”, que exprime a idéia de pronunciar uma fórmula com o propósito de trazer malefícios ao seu alvo. Isto ilustra, como diz Russel Shedd, “ a crença popular que o próprio fato de um profeta prenunciar algo traria o efeito profetizado.”⁸³

2.3.4.3 A Maldição em Gênesis

O nome do primeiro livro da Bíblia vem da palavra hebraica berēshît, “no princípio”. Quando foi transliterada para o grego da LXX, teve o significado de “origem, fonte”. Este nomes são perfeitamente adequados para o teor do livro. O livro trata das origens de todas as coisas. Sobre a estrutura do livro, Lasor, Hubbard e Bush, falam da seguinte forma:

“O livro tem duas partes distintas: capítulos 1-11, a história primeva, e capítulos 12-50, a história patriarcal (tecnicamente 1.1-11.26 e 11.27-50.26). Gênesis 1-11 é um prefácio à história da salvação, tratando da origem do mundo, da humanidade e do pecado. Gênesis 12-50 reconta as origens no ato de Deus

escolher os patriarcas, juntamente com as promessas de terra, posteridade e aliança.”⁸⁴

Desta forma, o livro de Gênesis relata a origem do pecado e, diretamente ligada a ele, a origem da maldição. Nós vemos a ocorrência da maldição no capítulo 3, 4, 9, 12, 27 e 49. A primeira passagem que ocorre a palavra “maldição”, é Gn 3:14:

“ Então, o Senhor Deus disse à serpente: Visto que isso fizeste, maldita és entre todos os animais domésticos e o és entre todos os animais selváticos; rastejarás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida.”

Pode-se perceber neste texto que é impossível separar a maldição do pecado. A palavra hebraica usada aqui para “maldição” é ‘arar. Portanto, o sentido aqui, é que a serpente seria “banida” de todos os animais, i. é, ela passaria a viver em um estado de inexistência de Bênçãos devido ao seu pecado e, semelhantemente, o solo (“maldita é a terra por tua causa”) seria impedido de conceder sua fertilidade ao homem, devido ao pecado deste.

É como diz Kaiser: “Em cada caso foi declarada a razão da maldição: (1) Satanás logrou a mulher; (2) a mulher escutou a serpente; e (3) o homem escutou a mulher – ninguém escutou a Deus.”⁸⁵

Da mesma forma, Caim foi “maldito desde a terra” (4:11), ou seja, “banido de usufruir de sua produtividade”⁸⁶, ou melhor, “os labores de Caim como agricultor seriam vãos; portanto, ele teria de andar pela terra como um vagabundo”⁸⁷, e essa maldição foi consequência de seu pecado, o homicídio. Da mesma maneira, Canaã tornou-se maldito (Gn 9:25); ou seja, foi colocado em um estado inferior (como diz Davidson: “talvez significasse a subjugação final dos cananeus a Israel”⁸⁸; e Halley : “Os descendentes de Cão seriam raças de servos”⁸⁸), por ter participado vulgarmente do triste incidente.

Em Gn 12: 3, essa idéia também é expressa. Deus diz a Abraão que abençoaria o que o abençoassem e amaldiçoaria aos que o amaldiçoassem. A maldição (‘arar) de Deus; i, é, o estado de inexistência de Bênçãos, alcançaria aqueles que desejassem, e expressassem em palavras, esse estado para Abraão.

Nesse mesmo contexto, é importante notar-se o entendimento que Jacó tinha desta ligação do pecado com a maldição. Em Gênesis 27: 11,12, vê-se o estratagema de Jacó e sua mãe para usurpar a bênção de

Esaú. Receoso, Jacó diz à sua mãe: “Dar-se-á o caso de meu pai me apalpar, e passarei a seus olhos por zombador; assim, trarei sobre mim

maldição e não bênção.” A palavra hebraica traduzida aqui como maldição é qelälâ. Como já vimos, a idéia básica desta palavra é a ausência de um estado abençoado e o rebaixamento a um estado inferior. Assim, Jacó tinha receio que suas maquinações lhe provocassem um estado imediatamente inferior do estado de Bênção.

Da mesma forma, Jacó, mas à frente (Gn 49:7), expressa, ainda, este conceito, quando diz que Simeão e Levi eram malditos. É importante notar-se que este “rebaixamento” de Simeão e Levi se deu por causa do massacre que infringiram à Siquém.

Portanto, no livro de Gênesis, a maldição está diretamente ligada ao pecado e significa basicamente um estado. Estado esse que seria desfavorecido em relação ao estado anterior que era abençoado por Deus, por consequência da quebra do relacionamento com Ele.

2.3.4.4 A Maldição Em Deuteronômio

A origem da palavra portuguesa “deuteronômio” remonta à expressão hebraica ‘èlleh haddebärîm, “são estas as palavras”. Esta expressão hebraica foi transliterada para a palavra grega “deuteronomion” que significa “segundo livro da lei” ou “segundo pronunciamento da lei. Assim, os tradutores intitularam este livro fazendo uma alusão clara a primeira ocorrência da lei, em Êxodo. Fizeram isso por que o conteúdo do livro é exatamente esse. Em Êxodo, Levítico e Números as leis foram promulgadas, agora, prestes a entrar em Canaã, a lei estava sendo recapitulada.

Pensando assim, o livro de Deuteronômio tem sido dividido em três discursos. Lasor, Hubbard e Bush tecem o seguinte esboço de Deuteronômio:

“Introdução (1.1-5)

Primeiro Discurso: Atos de Javé (1.6—4.43)

Sumário Histórico da Palavra de Javé (1.6-3.29)

Obrigações de Israel para com Javé (4.1—40)

Nota sobre Cidades de Refúgio (4.41-43)

Segundo Discurso: Lei de Javé (4.44—26.19)

As Exigências da Aliança (4.44—11.32)

Introdução (4.44-49)

Dez Mandamentos (5.1-2 1)

Encontro com Javé (5.22-33)

Grande Mandamento (6.1-25)

Terra da Promessa e Seus Problemas (7.1-26)

Lições dos Atos de Javé e Reação de Israel (8.1—11.25)

Alternativas diante de Israel (11.26-32)

Lei (12.1—26.19)

Acerca do Culto (12.1—16.17)

Acerca dos Juízes (16.18—18.22)

Acerca dos Criminosos (19.1-21)

Acerca da Guerra (20.1-20)

Miscelânea de Leis (21.1—25.19)

Confissões Litúrgicas (26.1-15)

Exortações Finais (26.16-19)

Cerimônia a Ser Instituída em Siquém (27.1—28.68)

Maldições pela Desobediência (27.1-26)

Bênçãos pela Obediência (28.1-14)

Maldições pela Desobediência (28.15-68)

Terceiro Discurso: Aliança com Javé (29. 1—30.20)

Propósito da Revelação de Javé (29.1-29)

Proximidade da Palavra de Deus (30.1-14)

Escolha Colocada diante de Israel (30.15-20)

Conclusão (31.1—34.12)

Palavras Finais de Moisés; seu Cântico (31.1—32-47)

Morte de Moisés (32.48-34.12)".89

Deste modo, pode-se notar que a lei é o tema dominante em todo o livro. No entanto, diretamente ligado a este assunto, pode-se ver o subtema: maldição. A maldição está presente nos capítulos 11, 27, 28, 29 e 30. É importante notar-se que em todas as ocorrências, a maldição está diretamente ligada com o tema: lei. No capítulo 11: 26-28, o autor adverte:

“Eis que, hoje, eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: a bênção, quando cumprirdes os mandamentos do Senhor, vosso Deus, que hoje vos ordeno; a maldição, se não cumprirdes os mandamentos do Senhor, vosso Deus, mas vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguides outros deuses que não conhecestes.”

No capítulo 27, inicia-se uma série de instruções sobre as cerimônias de bênçãos e maldições. Seis tribos deveriam subir ao monte Gezirim e as outras seis deveriam subir no monte Ebal. As primeiras realizariam um ritual de

Bênção e as outras realizariam um ritual de maldição. A lista de maldições era constituídas por doze declarações. Todas, iniciavam da forma como se segue: “maldito o homem..” ou “maldito aquele...”. Esta expressão tem o propósito de revelar o estado decorrente da quebra de mandamentos espirituais, sociais e sexuais.

No capítulo 28 têm-se relatado algo semelhante ao capítulo imediatamente anterior: o estado decorrente da desobediência da lei. Paul Hoff comenta sobre estas maldições da seguinte forma:

“A obediência traria bênçãos e a desobediência acarretaria em maldição... A desobediência traia as seguintes maldições (28: 15-68):

- 1) Maldições pessoais (16-20);
- 2) Peste (21,22);
- 3) Estiagem (23,24);
- 4) Derrota nas guerras (25-33);
- 5) Praga (27,28,35);
- 6) Calamidade (29);
- 7) Cativo (36-46);
- 8) Invasões dos inimigos (45-47);
 - a. Devastação da terra, 47-52 (cumpriu-se na invasão dos assírios e babilônicos)
 - b. Canibalismo em tempo do cerco, 53-57 (ver II Rs 6:28; Lm 2:20).
- 9) Pragas (58-62);
- 10) Dispersão entre as nações (63-68).”⁹⁰

Nos capítulos 29 e 30 também vemos a mesma proposta dos capítulos anteriores; i, é, a bênção para os obedientes e a maldição para aqueles que quebrarem a aliança.

Pode-se notar, portanto, que a maldição no livro de Deuteronômio é um estado de ausência de bênção, decorrente da quebra dos mandamentos da aliança. Assim, maldição é consequência. É a “perda da presença e favor especiais de Deus... e a perda da condição de povo do reino de Deus.”⁹¹ Lasor resume o assunto com as seguintes palavras:

“A afirmação do apóstolo Paulo, “o salário do pecado é a morte”

(Rm 6:23) é um resumo adequado dessas maldições sombrias e amargas. Desdenhar as exigências da aliança divina ou rebelar-se contra elas era transformar o Salvador em Juiz.”⁹²

2.3.4.5 A Maldição nos Livros Proféticos

Falando em uma perspectiva histórica, os livros históricos do Antigo Testamento contêm a história da ascensão e queda de Israel. Os livros poéticos pertencem a era dourada Judáica. Já, os livros proféticos estão inseridos nos dias da queda de Israel.

Os livros proféticos são 17, contendo 16 autores. Desses 16 autores, 13 relacionaram-se com o período de destruição da nação hebráica e 3 com a restauração da mesma.

O período do profetas cobriu por volta de 400 anos, de 800 a 400 a.C. Iniciou-se com a apostasia das dez tribos ao término do reinado de Salomão. O reino do norte adotou, como religião oficial, o culto ao bezerro (uma estratégia política) e logo depois somaram ao culto a Baal, conseqüentemente deixando o culto a Javé. O ápice desta apostasia e o acontecimento central deste período foi a destruição de Jerusalém. Diretamente relacionados a este acontecimento estiveram 7 dos 16 profetas. Esse fato histórico desencadeou a maior intensidade de atividade profética para, se possível, evitá-lo.

A mensagem profética é resumida por Halley da maneira como se segue:

“1. Procurar salvar a nação de sua idolatria e impiedade.

1. Falhando nisso, anunciar que a nação seria destruída.

2. Não porém completamente destruída. Um remanescente seria salvo.

3. Do meio desse remanescente sairia uma influência que se espalharia pela terra e traria a Deus todas as nações.

4. Essa influência seria um grande Homem, que um dia se levantaria na família de Davi. Os profetas chamaram-no de “REBENTO”. A árvore da família de Davi, que fora a mais poderosa do mundo, foi cortada nos dias dos profetas, para governar um reinozinho desprezado que tendia a desaparecer; uma família de reis sem reino: esta família faria uma volta espetacular. Reaparecia. Do seu tronco brotaria um renovo, um rebento tão grande que se chamaria O Rebento.”⁹³

Lasor também dá uma contribuição ao assunto dizendo:

“Um estudo cuidadoso dos profetas e de sua mensagem revela que estão profundamente envolvidos na vida e na morte da própria nação. Ele falam do rei e de suas práticas idólatras, de profetas que dizem o que são pagos para dizer, de sacerdotes que não instruem o povo na lei de Javé, de mercadores que empregam balanças adulteradas, de juizes que favorecem o rico e não

oferecem justiça ao pobre, de mulheres cobiçosas que levam o marido a práticas malignas para que possam nadar no luxo.”⁹⁴

Pode-se notar, portanto, que a mensagem profética está diretamente ligada com o pecado do homem; i, é, Israel e as nações haviam infringido as leis de Deus e agora estavam sendo exortados a arrepender-se e, se não o fizessem, estariam a mercê do julgamento divino.

A palavra “maldição” e seus derivados, encontra-se em 25 capítulos dos livros proféticos. É relevante notar-se que em todas essas referências, a maldição possui o mesmo significado que possui em Gênesis e Deuteronômio; i, é, um estado de ausência de Bênçãos por consequência do pecado. Assim, Isaías profetizando contra Tiro, diz que “Na verdade, a terra está contaminada por causa dos seus moradores, porquanto transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a terra, e os que habitam nela se tornam culpados; por isso, serão queimados os moradores da terra, e poucos homens restarão” (Is 24:6); da mesma forma, profetizando contra Israel, Jeremias diz: “Por que assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Como se derramou a minha ira e o meu furor sobre os habitantes de Jerusalém, assim se derramará a minha indignação sobre vós, quando entrardes no Egito; sereis objeto de maldição, de espanto, de desprezo e opróbrio e não vereis mais este lugar ” (Jr 42:18). Também neste mesmo teor, pode-se ver Daniel chegando à conclusão do motivo do sofrimento da nação: “Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se, para não obedecer à tua voz; por isso, a maldição e as imprecções que estão escritas na lei de Moisés, servo de Deus, se derramaram sobre nós, porque temos pecado contra ti ” (Dn 9:11). Zacarias também expressa o mesmo pensamento quando diz que a maldição alcançará todo aquele que não guardar toda a lei (Zc 5:3), e, também, Malaquias, quando diz que os sacerdotes seriam infligidos pela maldição por não temerem ao Nome de Javé (Ml 2:1).

Nos livros proféticos, portanto, bem como nos livros já estudados, a maldição está ligada diretamente com a desobediência à lei de Deus. Esta maldição é o estado a que se chegou por ter-se rebelado contra o Sagrado.

2.3.4.6 A Maldição e Satanás

Faz-se relevante aqui, esclarecer a relação da maldição vetero-testamentária e a ingerência de Satanás.

Rebecca Brown em seu Livro “Maldições não quebradas”⁹⁵, explica que as maldições podem ser divididas em categorias. Essas categorias são: as maldições dadas por Deus, as maldições feitas por Satanás e os seus subalternos com direito para fazê-lo, e as maldições feitas por Satanás sem direito para fazê-lo.

A crença na maldição respaldada por Satanás é corroborada pelo renascimento do dualismo Zoroastro, onde se cria que, no universo, existem duas forças iguais em poder e força, lutando entre si para dominar a espécie humana. Essa concepção tem sido difundida em larga escala no meio

evangélico. Todavia, não encontra respaldo Bíblico. Não encontra-se um texto se quer onde descreva que Satanás tem o poder autônomo de amaldiçoar alguém ou algo sem a devida autorização divina. O conceito, principalmente Vetero-testamentário, é que a maldição está diretamente ligada à quebra da aliança com Deus. O pensamento Bíblico é que o homem sofre as conseqüências de seu estado de rebeldia contra Deus. Assim, a maldição é um estado a que se chegou, decorrente da rebelião contra as leis de Deus.

Talvez sejamos tentados a pensar que Satanás estava por detrás dos deuses antigos de forma que quando as imprecações eram pronunciadas, era Satanás que agia para que estas se cumprissem. No entanto, precisa-se atentar para dois fatos: (1) A crença, como já vimos, no poder autônomo das imprecações respaldadas por espíritos era própria das nações vizinhas de Israel e não era compartilhada pelos homens de Deus. (2) Isaías (Is 44: 9 ss.) argumenta que os deuses são sem valor, não tem poder algum para livrar quem quer que seja; assim, não se pode crêr que estes deuses tivessem a capacidade de amaldiçoar.

Sobre isso, o dicionário Internacional de Teologia do Antigo testamento é feliz em comentar:

“Que tais fórmulas existiram por todo o mundo antigo ninguém nega. Mas a diferença entre elas e as do AT são adequadamente ilustradas nesta citação de Fensham: ‘A execução mágica e mecânica da maldição [...] aparece em tremendo contraste com a abordagem egoteológica dos escritos proféticos [...] o ego do Senhor é o elemento central da ameaça, e execução e a punição de uma maldição. [...] As maldições do antigo Oriente Próximo, que aparecem fora do AT, são dirigidas contra a transgressão da propriedade privada [...] mas a obrigação ético-moral relacionada com o dever que se tem perante Deus de amar ao próximo não é sequer mencionada’ ”96.

2.3.4.7 A Bíblia nos orienta a fazer uma árvore genealógica?

O conselho dos mestres da maldição hereditária para se fazer um histórico familiar, a fim de colher informações sobre alguma maldição que porventura tenha entrado na família, não encontra respaldo bíblico.

Uma primeira consideração a ser feita é que a Bíblia nos ensina que cada um é responsável por aquilo que faz. O profeta Ezequiel fala sobre isso:

“Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que tendes vós, vós que, acerca da terra de Israel, proferis este provérbio, dizendo: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram? Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, jamais direis este provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como a alma do pai, também a alma do filho é minha; a alma que pecar, essa morrerá.”(Ez 18:1-4)

No contexto deste texto, muitos estavam colocando a culpa de seus fracassos em seus antepassados. Mas, Deus trata com cada um individualmente.

É claro que com os pecados dos pais, os filhos podem colher o fruto deste pecado, sendo influenciados a cometerem os mesmos pecados, e a sofrerem as conseqüências disto (Gl 6:7). No entanto, isto é quebrado quando a geração se arrepende de seu pecado. A Bíblia nos diz que cada um dará conta de si mesmo a Deus (Rm 14:12). Não se pode arrepender-se em lugar de outro.

Uma segunda consideração a ser feita é que fazer árvores genealógicas assemelha-se muito com a prática da seita mórmon. Eles fazem isso com o intuito de resolver problemas espirituais de seus mortos, através do batismo pelos mortos. Isso, é antibíblico. A Palavra de Deus condena tal prática (1 Tm 1:4; Tt 3:9).

O texto bíblico mais usado para apoiar a idéia da árvore genealógica é Ex 20:

“...eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e Quarta geração daqueles que me aborrecem e faço misericórdia até mil gerações daqueles que amam e guardam os meus mandamentos.”

Para aqueles que costumam procurar textos bíblicos para apoiar seus conceitos, este é um “prato cheio”. No entanto, precisamos fazer algumas considerações a respeito deste texto:

- (1) Os números não devem ser encarados literalmente.
- (2) O contexto trata do pecado de idolatria.
- (3) O texto trata daqueles que “aborrecem a Deus”
- (4) O texto trata das conseqüências do pecado que refletem até outras gerações.
- (5) Deve ser interpretado à luz de Ez 18.

2.3.3.7 Espíritos familiares à luz das Escrituras

A base bíblica que os mestres da doutrina de quebra de maldições apresentam para apoiar o pensamento de “espíritos familiares”, é Lv 19:31, na versão King James:

“Não vos voltareis para os que tem espíritos familiares, para serdes contaminados por eles. Eu sou o Senhor.”

Sobre este texto, Robson Rodovalho escreve que “é esta a base bíblica que temos para demonstrar que estes espíritos de adivinhação, necromancia e feitiçaria, passam de geração a geração.” 97

Se este é o único texto – e é o único- para apoiar a doutrina de espíritos familiares não é difícil chegarmos à conclusão de que não tem base bíblica.

O Velho Testamento foi escrito em hebraico e não em inglês. Por isso, faz-se necessário consultarmos o hebraico.

A palavra em questão é “ob”. Esta palavra indica aqueles que consultam espíritos. Literalmente é “o vaso”, ou “instrumento dos espíritos”. Portanto, a feiticeira de Endor é uma ‘ob (1Sm 28); em Lv 19:31, o povo de Israel é instruído a ficar longe destes ‘ob.

Uma série de outras passagens envolvendo a palavra ‘ob, são encontradas nas Escrituras (Lv 20:27; Dt 18:10,11; Is 8:19), sempre denotando pessoas que se envolvem na consulta de mortos.

Àquilo que os mestres da quebra de maldição chamam de espírito de prostituição, de inveja, de lascívia, etc., a Bíblia chama de obra da carne (Gl 5), e só se pode vencer, arrependendo-se do pecado, através da submissão ao Espírito Santo (Gl 5:16; 1 Co 6:9-11).

Penso que é mais fácil culpar a outros pelos próprios erros do que reconhecer o seu próprio. É mais fácil repreender demônios, responsabilizando-os pelos pecados que cometemos, do que arrepender-se e buscar no Senhor a restauração. Mas, não é esse o caminho que nos leva à santidade.

3- O MÉTODO BÍBLICO DE BATALHA ESPIRITUAL

Como deve-se guerrear contra o inimigo? Qual são as armas disponíveis? As Escrituras nos dão o método de combate. Este método deve ser seguido se quisermos ter realmente vitória contra as força demoníacas. A seguir veremos as armas de ataque que estão à nossa disposição.

3.1 As armas de ataque

3.1 .1 A pregação do Evangelho

Eis uma arma eficaz contra o inimigo: a pregação da verdade.

“Todo aquele que invocar o nome do senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de que nada ouviram? E como ouviram, se não há que pregue? E como pregarão se não foram enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! Mas nem todos obedecem ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação? E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo.”(Rm 10:13-17).

Diante desta maravilhosa declaração do apóstolo Paulo, pode-se chegar à conclusão que a pregação do Evangelho é poderosa, por si só, para salvar o perdido. A fé vem pela pregação da Palavra de Deus e não através de “oração de guerra”.

Champlin comenta sobre este texto da seguinte forma:

“O propósito da pregação cristã é o de despertar a fé nos homens, dirigindo-lhes a alma para o seu destino apropriado. Paulo reitera aqui a mensagem constante nos versículos catorze e quinze, mostrando que a pregação com que

os missionários da cruz obtinham convertidos, e que precisava ser ouvida para que pudesse haver fé, é a mensagem de Cristo.” 98

Em Jo 8:32, está escrito: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” É a verdade de Deus, Cristo, que liberta. Não é ordenando a demônios que liberem as pessoas; este poder quem tem é o evangelho, e é exatamente por isso que devemos comunicá-lo.

Jesus não comissionou seus discípulos a “amarrar” demônios nas regiões celestiais.

Jesus comissionou-os a pregar o Evangelho: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura.” (Mc 16:15); “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações...”(Mt 28:19).

O apóstolo Paulo, quando se converteu foi logo pregar o evangelho na sinagoga (At 9:20); em suas viagens missionárias pregava o evangelho (Rm 15:18-20); exortou ao seu filho na fé, Timóteo, que pregasse a Palavra (2 Tm 4:2), e, no final de sua carreira, quando estava preso, ainda pregava o evangelho (At 28:31).

Jesus Cristo e o apóstolo Paulo, enfatizaram a pregação do evangelho como arma para converter os incrédulos. Se amarrar e destituir principados e potestades antes de anunciar a Cristo fosse tão importante, porque Jesus e Paulo não nos chama atenção para um fator tão importante?

Sobre isto Ricardo Gondin comenta:

“O triunfo dos cristãos na batalha espiritual acontece muito mais como o resultado da proclamação da verdade que confrontos de poderes. O poder por si só não pode libertar os cativos. A verdade liberta (Jo 8:32).”99

O evangelho de Cristo é, em si mesmo, poderoso para a salvação daqueles que crêem. É claro que pode-se variar nos métodos de comunicação deste; no entanto, não se pode fiar nestes métodos para a salvação do perdido.

3.1.2 Intercessão

A palavra “intercessão” vem do latim “intercedere”, que significa: “ficar entre”. No caso da oração é aplicada ao ato da petição, súplica a Deus por algo ou alguém.

Paulo, em sua carta a Timóteo, reconhece o valor da súplica em parceria da pregação do evangelho para a salvação:

“Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito. Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade.”

É necessário observar-se que a forma de oração que Paulo exorta para que se faça é: súplica, intercessão e ação de graça. Quando olha-se para a oração que Paulo exorta que se faça, pode-se denominá-la de “oração evangelística”. Esta é a oração- constituída por súplicas, intercessões e ações de graça- feita por todos homens, com o propósito de viver-se tranqüilamente e salvar aqueles que estão perdidos.

A intercessão é uma arma para lutar contra o diabo pelas vidas que estão perdidas. Em Ef 6:8, o apóstolo Paulo ainda fala sobre o valor da oração para:

“para que me seja dada no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho.”

Quando se observa os modelos de oração nas Escrituras, palavras do tipo: suplicar, rogar, segundo a tua vontade, são comuns e significativamente repetitivas. Elas têm grande significado para o cristão. Nelas, encontra-se intrínseca a confiança em Deus para todas as ocasiões da vida, inclusive para o dever de evangelização.

O evangelismo deve ser recheado pela oração, assim como fez Jesus (Mc 1:35) e os apóstolos (At 4:31); mas esta oração, para ser eficaz, deve ser feita a Deus, o Pai da luzes, e não ao diabo.

3.2 As armas de defesa

Quando o cristão vale-se das armas de ataque, bíblicas, para saquear o território do inimigo, é lógico que este irá reagir; e quando isto acontecer...o que fazer?

Ao descrever a armas espirituais do crente, Paulo, em Efésios 6:13, diz o propósito: “...para que possais resistir no dia mau.” Este vocábulo, “resistir”, é um verbo: (Gr.)”anqisthmi”. Ele exprime a idéia de opor-se, defender-se, fazer face a, colocar-se contra, permanecer firme. A idéia que exprime este vocábulo é a de não retroceder diante dos ataques do inimigo, para não lhe conceder nenhuma vantagem ou vitória. Ele aparece, também, em passagens como Tg 4:7 e I Pe 5:9.

A pergunta é: como resistir, opor-se, fazer face ao diabo? Em Efésios 6: 14-17, Paulo passa a dizer que o crente deve resistir ao diabo revestindo-se da armadura de Deus.

3.2.1 A Armadura de Deus

Quando Paulo cita a armadura, ele tinha em mente o soldado romano preparado para a guerra. Ele usa esta figura para exemplificar a luta do crente e como, este, pode vencer. A metáfora denota o revestimento do Senhor Jesus que o crente deve Ter. Todas as partes da armadura são pertencentes ao caráter de Cristo e são adquiridas pelo crente através do Espírito Santo.

Alguns vestem a armadura como algo místico de eficácia instantânea, ao proferir algumas orações. No entanto, não creio que seja isso que Paulo tinha

em mente. É certo que o apóstolo, quando advertia os crentes a vestirem a armadura de Deus, estava pensando no revestir-se da natureza moral de Cristo; revestir-se do próprio Cristo.

Portanto, essa é a arma que Deus nos oferece para resistir no dia mau. A seguir, veremos as armas de defesa que as Escrituras nos oferecem:

3.2.1.1 – A Verdade

O cinto, ou cinturão, era posto em torno da cintura, usado com a finalidade de apertar a armadura em volta do corpo e sustentar a adaga e a espada.

Esta verdade poderia, muito bem, significar a verdade moral, o oposto da mentira- o que seria lógico, pois satanás é o pai da mentira. No entanto, é certo que o significado desta verdade, exposta por Paulo, vai muito além do significado de verdade ética. Considera-se que esta verdade é a verdade de Deus; ou seja, a verdade cristã, o conjunto das doutrinas cristãs, que é o que sustenta tudo o mais- segundo o mesmo uso da palavra denota em Ef 4: 15.

3.2.1.2 – A justiça

A couraça era uma peça da armadura romana que constituía-se em duas partes: a primeira, cobria a região do tórax, e a outra parte cobria a região das costas. Esta peça, tinha a finalidade de proteger as regiões vitais do corpo.

Paulo, ao usar esta peça, como metáfora, para exemplificar a justiça, tinha em mente a justificação. Em Rm 8, Paulo comenta que nada poderá condenar o crente, pois é Deus quem o justifica. Isso quer dizer que (1) não podemos confiar em nossa própria justiça, ou santidade, para vencer o inimigo, mas confiar na justiça que vem de Deus, através do sacrifício de Jesus; por isso, é que nada, nem anjos nem potestades, poderá nos separar do amor de Deus. (2) Quando somos justificados, o Espírito Santo opera em nós a obra da santificação; uma obra conjunta com o crente, no qual, este, assume, de forma gradual, o caráter de Cristo, em particular, o caráter justo- Paulo aplica este termo, desta forma, em Ef 4:24 e 5:9.

3.2.1.3 – O Evangelho da paz

A sandália romana, usada como figura pelo apóstolo Paulo, era feita de couro e possuía vários cravos, formando uma camada espessa. Esta peça tinha a finalidade de proteger os pés do soldado, onde quer que ele fosse.

Para esta peça, são usadas algumas interpretações, como a que diz que Paulo está referindo-se ao evangelismo. No entanto, é preferível a interpretação de que Paulo refere-se à paz com Deus, consigo mesmo e com o próximo, que o Evangelho proporciona. Esta paz é a tranqüilidade mental e emocional- oriunda da consciência da plena aceitação da parte de Deus- que o crente tem por onde vai, e em toda e qualquer situação.

3.2.1.4 – A fé

O escudo, usado como ilustração pelo apóstolo, era grande o bastante para proteger o corpo inteiro do soldado. Ele era formado de duas partes de madeira, recobertas de lona e, depois, de couro.

Aqui, o apóstolo Paulo, refere-se a fé salvífica, de acordo com o contexto de Ef 1:15, 2:8; 3:12, que produz entrega total da alma do crente a Cristo. É a crença que Cristo, como Senhor, domina, controla e dirige todos os aspectos da vida do crente. Esta fé tem a eficácia de anular os dardos inflamados o maligno.

3.2.1.5 – Salvação

O capacete, usado por Paulo para exemplificar a salvação, era formado de couro grosso ou metal. Era usado para proteger o soldado de golpes de espada, proferidos em sua cabeça.

A salvação do crente, recebida pela graça divina, mediante a fé, é o que o livra dos ataques aterradores do diabo. Ela é uma proteção divina para o guerreiro que é crente. Quando a pessoa é salva da morte e do pecado através de Cristo, ela está escondida em Cristo e o diabo não a toca.

É interessante notar-se, que todas as demais peças da armadura eram vestidas pelo guerreiro, mas o escudo era recebido, o seu escudeiro colocava nele. Isso denota a graciosidade da salvação. A salvação é pela graça, por isso, de graça.

3.2.1.6 – A Palavra de Deus

Poder-se-ia pensar que a espada é uma arma de ataque, e realmente o é; no entanto, ela, também, pode ser usada como defesa, e o contexto do texto de Efésios, nos dá o subsídio necessário para pensar que aqui, ela é usada para defesa.

O que Paulo queria dizer usando a espada como ilustração? Certamente ele estava falando da atuação do Espírito na vida do crente, de tal forma, que torna a Palavra de Deus uma força viva na vida diária, a torna eficaz em nós e torna vigoroso o uso que fazemos dela.

Assim como a espada é morta quando não manuseada, assim é a Palavra sem o atuar do Espírito na vida de quem a lê. A Palavra de Deus respaldada pelo Espírito Santo, da vida é mais cortante do que qualquer espada de dois gumes e é apta para discernir as intenções do coração (Hb 4:12).

Alguns interpretam este texto como se dissesse para usar a declaração de versículos contra o diabo. No entanto, o diabo não corre da mera declaração de versículos, mas, sim, da eficácia que a operação das Escrituras, através do Espírito Santo, obtém na vida do crente.

4- OS BENEFÍCIOS DO MOVIMENTO DE BATALHA ESPIRITUAL

Seguindo o conselho do apóstolo Paulo de "...examinar tudo e reter o bom", agora, vejamos o que de bom, acrescentou o movimento de Batalha Espiritual à Igreja.

4.1 Alerta à guerra espiritual

Líderes eclesiais, vivem, ainda que creiam na existência do inimigo, totalmente despercebidos da guerra que se trava no mundo espiritual, e, por isso, deixam de manejar as armas que Deus nos oferece. Por sua vez, os novos convertidos passam a frequentar igrejas, possuindo a cosmovisão de achar que, depois de convertidos, está tudo bem; não são cientes da batalha que começaram a enfrentar no âmbito espiritual.

Não concordo com a teologia do Movimento de Batalha Espiritual- como foi-se evidenciado bíblicamente neste trabalho -; no entanto, creio que foi permissão de Deus para que o Seu povo tomasse consciência da luta espiritual que estamos envolvidos e seguisse o conselho do apóstolo Paulo: "... pois não lhe ignoramos os ardis."

4.2 Ênfase no evangelismo

Por vezes, a Igreja é tentada a acomodar-se entre as quatro paredes do templo e esquecer-se da grande comissão. É real a cosmovisão eclesial – errônea, por sinal – de achar que evangelismo é só para missionários ou pessoas tecnicamente preparadas para isso.

Não concordo com a visão do movimento de Batalha Espiritual a respeito do evangelismo; no entanto, seus líderes- até onde tenho conhecimento- estão, realmente, preocupados e envolvidos com evangelismo. Essa influência é extremamente benéfica a um povo que acomoda-se em sua "vidinha" terrena, em seu individualismo.

4.3 Ênfase na oração

A oração é a chave para uma vida de comunhão com Deus. Por detrás da oração encontra-se um coração ardente de amor por Deus e entregue aos Seus cuidados. Infelizmente, muitos crentes dormem para essa realidade, e vivem uma vida espiritual raquítica.

Não concordo com o que diz, o Movimento de Batalha Espiritual, sobre a oração, como sendo palavras de autoridade contra o diabo; no entanto, considero louvável a ênfase que se dá à oração; pois, indubitavelmente, Jesus, em seu ministério, orou e precisa-se, também, de homens e mulheres de oração.

V. OS PERIGOS DO MOVIMENTO DE BATALHA ESPIRITUAL

Infelizmente, o Movimento de Batalha Espiritual oferece mais perigos, para a Igreja, do que benefícios. Abaixo, veremos que perigos são esses.

5.1 As fontes de informação.

As Escrituras são a única regra de fé e de prática. Nada pode tomar esse lugar que lhe é próprio; nem os estatutos eclesiásticos, nem as experiências pessoais.

O movimento de Batalha Espiritual trás- e se baseia nelas para suas doutrinas- muitas informações que não procedem das Escrituras. A pergunta que se segue, é esta: Se não vem da Bíblia, de onde vem? Vejamos, com a finalidade de saber de onde vem as informações que nos são passadas, algumas declarações dos expoentes da Batalha Espiritual.

Em uma apostila sobre uma “profecia” concedida a Magnólia de Campos Araújo, Mátiko Yamashita, do ministério de Batalha Espiritual, concede algumas informações sobre Espíritos demoníacos¹⁰⁰; o interessante é que ela repete, insistentemente, a fonte com o qual obteve tais informações:

“Eu comando o sheol. Sou capaz de transformar pedra em pão”, disse Lúcifer. “Perguntei sobre Ninrod: disse que é comandante geral de batalha e guerra de sombras. Perguntei sobre o príncipe do Brasil: Atualmente está vago, pois yemanjá foi destronada no dia 12 de outubro de 1.990.”

Depois disso, Mátiko fala sobre o Buda e escreve:

“segundo o Buda, há tipos de bonzos: os de roupa amarela e de grená. Este é feroz, é como javali e se transformam em javalis (grifo meu)”. Também fala do “Minotauro ou tauro: segundo sua informação é anjo caído. É gênio de destruição (grifo meu)”.

Depois, Mátiko cita como obteve tais informações:

“Recebemos as revelações no dia 3.11.90, quando fomos fazer um trabalho de libertação na casa da Silvia, e o minotauro e o centauro dominavam e controlavam outro demônio de casta mais baixa, chamado “amoran”, tipo de uma lesma que atua nos homossexuais. São destituídos de inteligência, se alimenta apenas de carne do homem, isto é todo tipo de pecado sexual pervertido. Só pode ser exterminado, dividindo em dois ou queimando com o “o fogo do Espírito”, não se expulsa, pois ele não entende a linguagem dos humanos”.

Mátiko segue citando sobre o centauro:

“quando a morte pairar sobre a cabeça dos cristãos, diz Zohohet, que eu, Magnólia vou ver centauro. Diz Zohohet: avisa a igreja. Diz que vai voltar para falar mais” (grifo meu).

Mátiko segue comentando da seguinte forma: “todas as informações foram dadas sob juramento, no dia 04.11.90 para Magnólia Campos de Araújo”; e, também: “Estas informações foram dadas pela Pomba-Gira, à Magnólia Campos Araújo”; outra vez, fala: “Segundo o próprio demônio, ela amacia o caminho para outros agentes de destruição do sexo. Desfaz casamentos” (Grifo meu).

Gostaria de Ter palavras para exprimir minha completa indignação diante de tais declarações. Temo não Ter as palavras adequadas, mas iremos esforçar-nos para tal.

Magnólia está assumindo o papel de profetiza do diabo. Ele fala, ela repete. Ele manda avisar para a igreja e ela avisa.

Fico imaginando como tais informações devem chegar ao ceio de nossas igrejas. O diabo fala, alguém ouve e repete. Um pastor- como a Mátiko-, sem compromisso com as Escrituras, ensina para a Igreja porque “não tem nada melhor para ensinar”. Os membros ficam impressionados com tais informações e começam a propagá-las. Daí, se forma o que Paulo disse: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios”. (1 Tm 4:1)

Penso que as informações sobre demônios- seus nomes, características, onde moram, etc-, vêm do próprio diabo. Não creio que esta seja uma fonte fidedigna! (Jo 8:44).

5.2 O pragmatismo

O termo “pragmatismo”, foi cunhado do vocábulo grego “pragma” que quer dizer: ato, coisa, evento, ocorrência, fato, matéria.

O pragmatismo ensina que conceitos, idéia e pensamentos só têm valor quando seguidos de conseqüências práticas. A respeito da verdade, o pragmatismo diz que somente as idéias que produzem conseqüências; ou seja, se funcionam, é porque são verdadeiras; em outras palavras, aquilo que funciona tem, por de trás, um princípio verdadeiro.

Este pensamento filosófico nasceu nos E.U.A, em meios do fim do séc. XIX para o séc. XX. Influenciou extremamente o ensino norte-americano, inclusive os seminários evangélicos. Os principais filósofos pragmáticos foram: Charles Sanders Peirce, William James, Royce, entre outros.

Levando a bandeira do pragmatismo, estão os pregadores da Batalha espiritual. Invariavelmente, para respaldar suas idéias, selecionam experiências, e dizem: se deu certo...é de Deus. Vejamos o que diz Peter Wagner sobre isso:

“Sou um teórico, mas sou um daqueles que tendem por defender teorias que funcionam. Meu principal laboratório, onde submeto a teste essas teorias, tem sido a Argentina, pelo que o leitor lerá sobre muitos incidentes que ocorreram naquele país.” 101

Em outra ocasião, ele fala da seguinte forma: “Sou uma pessoa muito pragmática, no sentido de que as teorias que mais me atraem são aquelas que funcionam.” 102

Diante de tal perspectiva filosófica, podemos responder com as palavras de Claudionor Corrêa de Andrade:

“A experiência tem demonstrado, porém, ser o pragmatismo mui relativo. O que é útil, hoje, pode não o ser amanhã. Exemplo: a escravidão. O que foi considerado útil nos séculos passados, hoje é tido como desrespeito aos direitos humanos. O pragmatismo, por conseguinte, é próprio das sociedades totalitárias. A utilidade imediata quase sempre é efêmera.” 103

Quando estudamos a doutrina cristã, um dos assuntos que, primeiramente deve ser encarado é a fonte da qual extrairemos nosso conhecimento. Existem várias abordagens: Teologia natural, Tradição, Experiência e Escrituras. Aqueles que decidem-se pelas Escrituras tomam-nas “como o documento definidor ou a constituição da fé cristã”. Ela é a regra de fé e prática. Esta é a atitude tomada no meio ortodoxo.

Aqueles que optam pela experiência religiosa (pragmáticos), consideram que ela provê informações divinas autorizadas. Esta última posição é extremamente perigosa.

O Apóstolo Paulo advertiu-nos:

“ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos anunciamos, seja anátema” (Gl 1:8).

Note que a autoridade é o Evangelho e não a experiência. Para Paulo, a verdade é absoluta, e mesmo que experiências queiram provar ao contrário, consideremos tal coisa anátema.

É certo que a Palavra de Deus é respaldada pelas experiências sobrenaturais de pessoas. No entanto, nem toda experiência resultou em doutrina cristã. É extremamente perigoso respaldarmos nossas convicções, conceitos e doutrinas em experiências, por que as experiências são relativas.

Não podemos usar métodos apenas porque funcionam, devemos usar métodos se são bíblicos. Não devemos crer que tal coisa é de Deus apenas porque funciona, devemos crer porque possui respaldo bíblico. Assim pensando; i, é, como os pragmáticos, segue-se que o Islamismo é uma religião de Deus, pois, é a que mais cresce no mundo. No entanto, seus conceitos são diabólicos. Nem tudo aquilo que dá certo é de Deus.

Sobre isso, Champlin, também comenta da seguinte forma:

“Existem grandes verdades espirituais que em coisa alguma são afetadas pela experimentação humana...Tentar investigar a verdade exclusivamente através de meios pragmáticos, limitados à experiência humana, é abordar a verdade de uma maneira muito parcial.” 104

O filosofia pragmática tem inserido sérios problemas doutrinários na igreja, e a doutrina de batalha espiritual é um deles.

5.3 Confusão entre obra do diabo e obra da carne

Um outro perigo doutrinário que acedia o movimento de batalha espiritual é a confusão feita entre as obras da carne e as obras do diabo.

Costumeiramente, quando alguém está envolvido em algum pecado, atribui-se este envolvimento a espíritos malignos. Assim, uma prostituta, é prostituta, por causa do espírito de prostituição que a possui; de semelhante forma, se um crente rouba, é por que o espírito de roubo o influenciou. Nesta concepção, para estirpar determinados costumes nas vidas das pessoas, é necessário identificar o demônio que lhe acedia e repreendê-lo. Daí, vem a nomenclatura de espírito de lascívia, de inveja, de fofoca, de dissolução, etc.

A Bíblia chama estas manifestações- que os mestres da batalha espiritual chamam de espíritos- de obras da carne (Gl 5). O homem é responsável pelos seus atos, e como tal deve reconhecê-los, arrependê-lo e deixá-lo (1 Jo 1: 5-9; 2: 1,2).

A Bíblia não nos instrui a repreender espíritos quando estamos em pecado. Devemos tratar o pecado como pecado, que é a escolha pessoal de rebelar-se contra Deus.

O diabo é tentador e, como tal, vive para induzir o homem ao erro; no entanto, o homem peca devido à sua escolha de rebelar-se contra Deus, devido à sua natureza pecaminosa. Por isso, ele é responsável pelos seus atos.

5.4 Dizer que é revelação de Deus para os dias atuais

Quando não encontram mais argumentos para defender suas idéias, os pregadores do movimento de batalha espiritual tendem a dizer que esta é uma revelação de Deus para os últimos dias.

Através da análise de textos como At 2:16,17; 1 Co 10:11; 1 Jo 2:18, pode-se perceber que os apóstolos já viviam nos últimos dias. Será que Paulo era tão imaturo na fé para que Deus não o revelasse este ensino? Será que o Cânon ainda não foi concluído, necessitando, portanto, que livros de batalha espiritual sejam inseridos? Se a igreja do primeiro século não tinha esta revelação, porque obteve tanto sucesso evangelístico?

Não se pode confiar em qualquer revelação só porque ela contém a fórmula: “assim diz o Senhor”. Assim fizeram Charles T. Russell, que começou a seita Testemunhas de Jeová, dizendo-se ter uma nova revelação; também Ellen Golden White, detentora de novas revelações e grande propagadora do Adventismo do sétimo dia; podemos citar, também, Joseph Smith, que recebeu revelações e, por isso, fundou a seita mórmon.

Não descreio em revelações; porém, penso que estas, precisam ser analisadas à luz das Escrituras, pois, não possuem autoridade final. A credulidade dos crentes é cativas à Palavra de Deus. Não se pode obrigá-los a crer em algo que não é bíblico.

Diante disso, gostaria de citar, novamente, as palavras do apóstolo Paulo:

“Ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema.” (Gl 1: 8)

CONCLUSÃO

Neste trabalho, estivemos observando o que as Escrituras tem a nos dizer sobre guerra espiritual. Vimos, também, sobre o novo Movimento de Batalha Espiritual, sua origem, seus ensinamentos, suas estratégias de guerra. Fizemos isso, com o objetivo de analisar, à luz das Escrituras, o Movimento de Batalha Espiritual. Em seguida, oferecemos a solução bíblica para a guerra espiritual.

Deste trabalho, podemos observar que o Movimento compromete as doutrinas cristãs ortodoxas. Doutrinas como a soberania de Deus, a suficiência da obra da cruz para a salvação do homem, e para aniquilar as obras do diabo, são comprometidas.

Hoje, invés de Pastores ensinarem ao seu povo sobre a soberania de Deus, o valor da intercessão, o poder do evangelho, estão ensinando o poder que o diabo tem e estratégias para combatê-lo.

O resultado disso, é que encontra-se pessoas, cada vez mais, com medo do sobrenatural, outras considerando-se o ápice da espiritualidade, os detentores da revelação e, exacerbadamente, legalistas.

O argumento comum para se explicar a ênfase que dão ao diabo é que o primeiro princípio de guerra, é se conhecer muito bem o inimigo. Concordo, em partes. A qualquer guerra, este princípio é fundamental; entretanto, a batalha espiritual que travamos já foi ganha na cruz do calvário. É claro que não devemos ignorar os ardis do inimigo, mas devemos nos aplicar a conhecer ao Senhor, e não ao diabo, pois, quanto mais conhecemos àquele que servimos, percebemos que o diabo não passa de criatura, diante do Criador.

O povo de Deus tem perecido, não por falta de conhecimento de quem é o inimigo, mas por falta de conhecimento de quem é o Criador. Por isso, como nunca, precisamos de uma volta às doutrinas básicas da fé cristã e; para isso, precisamos orar para que Deus levante verdadeiros mestres que tenham compromisso com a verdade das Escrituras e não com o resultado das igrejas cheias.

BIBLIOGRAFIA

ALLMEN, J. J. Von – Vocabulário Bíblico – São Paulo, S.P.: ASTE, 1972

ANDRADE, Joaquim de; Miguel- MALDIÇÃO FAMILIAR- Obra não publicada.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de – DICIONÁRIO TEOLÓGICO- 5a ed. Rio De Janeiro, R.J.:CPAD, 1998.

AUGUSTO, Cesar- GUERRA ESPIRITUAL- 8o ed. Goiânia, G.O.: Koinonia, 1993.

AYMARD, André e AUBOYER, Jeannine – O oriente e a Grécia Antiga – Trad. Pedro Moacyr Campus, 6a ed., vol. 1, Rio de Janeiro, São Paulo: DIFEL, 1977

BALDWIN, Joyce G.- DANIEL, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO- Trad.: Ênio R. Muelher. Mundo Cristão e Vida Nova Editora, São Paulo, S.P.

BRIGT, Bill e JENSON, Ron – REINOS EM GUERRA- São Paulo S.P.: Candeia.

BROWN, Rebeca- ELE VEIO PARA LIBERTAR OS CATIVOS- 5o ed. Belo Horizonte, M.G.: EDITORIAL, 1998.

BUBECK, Mark I. – O REAVIVAMENTO SATÂNICO- São Paulo, S.P: Candeia.

CHAMPLIN, R.N.; BENTES, J.M. – Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – 4a ed., São Paulo, S.P.: Candeia, 1997

COENEN, Lothar – Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento – São Paulo, S.P.: Vida Nova.

COLLEMAN, William L. – Manual do Tempos costumes Bíblicos – Trad. Myriam Talitha Lins, Venda Nova, M.G.: Betânia, 1991.

CHAMPLIN, R.N. – O NOVO TESTAMENTO INTERPRETADO- São Paulo, S.P.: Candeia.

_____. – ENCICLOPÉDIA DE BÍBLIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA- São Paulo S.P.: Candeia.

DAVIDSON, F. – O Novo Comentário da Bíblia – São Paulo, S.P.: Vida Nova.

DOUGLAS, J.D. – O Novo Dicionário da Bíblia – 2a ed., São Paulo, S.P.: Vida Nova, 1995.

ELWELL, Walter A. – Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã – Trad. Gordon Chown, São Paulo, S.P.: Vida Nova, 1998.

EVANS, Mary J. – A plague on both your houses. Cursing and Blessing Reviewed – obra não publicada, 1993.

ERICKSON, Millard J. – INTRODUÇÃO À TEOLOGIA SISTEMÁTICA- São Paulo, S.P.: Vida Nova.

FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timoth- O NOVO TESTAMENTO GREGO ANALÍTICO- Trad.: Adiel Almeida de Oliveira, São Paulo, S.P.: Vida Nova.

FILHO, Caio Fábio D'Araújo – BATALHA ESPIRITUAL- Rio de Janeiro, RJ.: Vinde.

GONDIN, Ricardo- OS SANTOS EM GUERRA- Ed. Abba, São Paulo, S. P

GINGRICH, F. Wilbur e DANKER, Frederick W. – LÉXICO DO NOVO TESTAMENTO GREGO/PORTUGUÊS- São Paulo S.P.: Vida Nova.

HAGIN, Kenneth E. – A AUTORIDADE DO CRENTE- São Paulo S.P.: Graça.

HALLEY, H. H.- MANUAL BÍBLICO- São Paulo S.P.: Vida Nova.

HANEGRAFF, Hank- CRISTIANISMO EM CRISE- Trad.: João Marques Bentes, Rio de Janeiro, R.J.: CPAD.

HORTON, Michael S.- O CRISTÃO E A CULTURA- Trad. Elizabeth C. Gomes, Cambuci, S.P.: Cultura Cristã.

HALLEY, H. H. – Manual Bíblico – Trad. David A. de Mendonça, 4a ed., São Paulo, S.P: Vida Nova, 1994.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. – Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento – Trad.: Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto; São Paulo, S.P: Vida Nova, 1998.

HOFF, Paul – O Pentateuco – Trad. Luiz Aparecido Caruso, Miami, Flórida, E.U.A: Vida, 1978.

ITIOKA, Neuza- A IGREJA E A BATALHA ESPIRITUAL- São Paulo, S.P.:Sepal.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W. – Introdução ao Antigo Testamento – Trad. Lucy Yamakami, São Paulo, S.P.: Vida Nova, 1999.

LEA, Larry- AS ARMAS DA SUA GUERRA- São Paulo, S.P.: Vida.

LOPES, Augustus Nicodemos – O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE BATALHA ESPIRITUAL- São Paulo, S.P.: Cultura Cristã.

MACARTHUR JR, John F.– NOSSA SUFICIÊNCIA EM CRISTO- São José dos Campos, S.P: Fiel.

MATHEUS, R. Arthur- NASCIDOS PARA A BATALHA- Trad.: Maria Antonieta Kanji, 2oed. Flórida E.U. A.: VIDA, 1991.

MILHOMENS, Valnice- O PODER DA INTERCESSÃO- São Paulo, S.P.: Palavra da fé,

Missão Evangélica Shekinah- PREPARAÇÃO DE MINISTRADORES NA ÁREA DE LIBERTAÇÃO E CURA INTERIOR- Obra não publicada.

PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. – Comentário Bíblico de Moody – Trad.: Yolanda M. Kriemen, São Paulo, S.P.: Batista Regular, 1984.

Revista Veja, 11 de agosto de 1999.

Revista Época, 29 de março de 1999.

ROGERS, Fritz Rienecker Cleon – CHAVE LINGUÍSTICA DO NOVO TESTAMENTO GREGO- Trad.: Gordon Chow e Júlio Paulo T. Zabatiero, 2a ed., São Paulo, S.P.: Vida Nova, 1988.

ROBISON, James- VENCENDO A GUERRA REAL- São Paulo, S.P.: Abba.

RODOVALHO, Robson- POR TRÁS DAS BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES- Brasília, D.F.: Koinonia.

_____. – QUEBRANDO AS MALDIÇÕES HEREDITÁRIAS- 6a ed., Brasília, D.F.: Koinonia, 1996.

ROMEIRO, Paulo- EVANGÉLICOS EM CRISE- Ed. Mundo Cristão, São Paulo, S.P.

SILVOSO, Ed.- QUE NENHUM PEREÇA- Trad.: Pr. João Marquers Bentes. São Paulo, S.P.: Unilit.

SHERMAN, Dean- BATALHA ESPIRITUAL PARA TODO CRISTÃO- Belo Horizonte, M.G.: Betânia.

STEDMAN, Ray- BATALHA ESPIRITUAL- São Paulo S.P.: Abba.

SUMRALL, Lester- PRINCÍPIOS E PODERES SOBRENATURAIS- Lisboa, Portugal: Maná.

TRASK, Thomas e GOODALL, Wayde- A BATALHA- Trad.: João A. de Souza Filho. São Paulo, S.P.: Vida.

The greek text underlying the english autorised Version of 1611, Trinitarian Bible Society

THOMPSON, J.A. – Deuteronômio – São Paulo, S.P.: Mundo Cristão.

SHEDD, Russell P. – Bíblia Shedd – Trad. João Ferreira de Almeida, São Paulo, S. P.: Vida Nova, 1997.

WAGNER, C. Peter- ORAÇÃO DE GUERRA- São Paulo, S.P.: Unilit.

KAISER, Walter C. Jr. – Teologia do Antigo Testamento – 2a ed., São Paulo, S.P.: Vida Nova, 1984.

[1] Paulo Romeiro- EVANGÉLICOS EM CRISE- pág. 114

2 Millard J. Erickson- INTRODUÇÃO A TEOLOGIA SISTEMÁTICA- Pág. 200

3 Revista Época, 29 de março de 1999

4 Revista Veja, 11 de agosto de 1999, pág. 142

- 5 C. Peter Wagner- ORAÇÃO DE GUERRA- pág. 44
- 6 Larry Lea- AS ARMAS DA SUA GUERRA- p. 12
- 7 Missão Evangélica Shekinah- Preparação de ministradores na área de libertação e cura interior- p. 4
- 8 C. Peter Wagner- Oração de Guerra
- 9 Ibid. p. 92 e 98
- 10 Neuza Itioka – A Igreja e a Batalha Espiritual- p. 37
- 11 Neuza Itioka- Curso sobre Batalha Espiritual-
- 12 H. H. Halley- MANUAL BÍBLICO- p. 311
- 13 Joyce G. Baldwin- INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO- p. 192
- 14 Caio Fábio D'Araújo Filho- BATALHA ESPIRITUAL- p. 139, 140, 141.
- 15 Russell Shedd- BÍBLIA SHEDD- pág. 1243
- 16 C. Peter Wagner- ORAÇÃO DE GUERRA- pág. 18
- 17 Russell Shedd- O MUNDO A CARNE E O DIABO- pág. 12
- 18 Millard J. Erickson – INTRODUÇÃO A TEOLOGIA SISTEMÁTICA- Pág. 175
- 19 C. Peter Wagner – ORAÇÃO DE GUERRA- pág. 176
- 20 Robson Rodovalho- POR TRÁS DAS BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES. p. 67
- 21 Missão Evangélica Shekinah- PREPARAÇÃO DE MINISTRADORES NAÁREA DE LIBERTAÇÃO E CURA INTERIOR- p. 4
- 22 Georg Eldon Ladd- TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO- p. 395
- 23 Jhon F. MacArthur Jr.- NOSSA SUFICIÊNCIA EM CRISTO- p. 192
- 24 Michael S. Horton- O CRISTÃO E A CULTURA- p. 17
- 25 Vida Mix, No 1, ano 1, pág. 8
- 26 Robson Rodovalho- POR TRÁS DAS BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES- p. 29
- 27 Neuza Itioka- A IGREJA E A BTALHA ESPIRITUAL- p. 67
- 28 Peter Wagner- ORAÇÃO DE GUERRA- p. 144
- 29 Neuza Itioka- A IGREJA E A BATALHA ESPIRITUAL- p. 55
- 30 Peter Wagner- ORAÇÃO DE GUERRA- p. 170

- 31 Missão Evangélica Shekinah- PREPARAÇÃO DE MINISTRADORES NA ÁREA DE LIBERTAÇÃO E CURA INTERIOR- p.19
- 32 Cf. declaração de Magnólia de Campos Araújo, escrito por Mátiko Yamashita, 30.10.90. Obra não publicada
- 33 Paulo Romeiro- EVANGÉLICOS EM CRISE – p.141
- 34 Michael S. Horton- O CRISTÃO E A CULTURA- p. 16
- 35 Neuza Itioka- A IGREJA E A BATALHA ESPIRITUAL- p. 54
- 36 Cesar Augusto- GUERRA ESPIRITUAL- p. 35
- 37 Peter Wagner- ORAÇÃO DE GUERRA- p. 26
- 38 Ed. Silvano- QUE NENHUM PEREÇA- p. 317
- 39 Neuza Itioka- CURO SOBRE BATALHA ESPIRITUAL- p. 18
- 40 Missão Evangélica Shekinah- PREPARAÇÃO DE MINISTRADORES NA ÁREA DE LIBERTAÇÃO E CURA INTERIOR- p. 4
- 41 R. N. Chanplim- NOVO TESTAMENTO INTERPETADO, VERSÍCULO POR VERSÍCULO- p. 336
- 42 John F. MacArthur, Jr. – MOSSA SUFICIÊNCIA EM CRISTO- p. 192
- 43 Ricardo Gondin- OS SANTOS EM GUERRA- p. 174
- 44 Rebecca Brow – Maldições Não Quebradas – p. 5
- 45 Neuza Itioka- Curso Sobre Batalha Espiritual- p. 31
- 46 Rebecca Brown – Maldições não Quebradas – p. 21
- 47 Robson Rodvalho- Quebrando As Maldições Hereditárias- Koinonia Edit., p. 10
- 48 Rebecca Brown – Maldições não Quebradas – p. 25
- 49 Ibid. p. 26
- 50 Ibid. p. 28
- 51 Ibid. p. 43
- 52 Jorge Linhares – Bênção e Maldição – p. 41
- 53 Rebecca Brown -Maldições não quebradas- p. 40
- 54 Jorge Linhares – Bênção e Maldição – p. 43
- 55 Rebecca Brown -Maldições não quebradas-

- 56 Jorge Linhares. Bênção e Maldição. p. 16
- 57 Hank Hanegraaff. Cristianismo Em Crise. Op. Cit. p. 278
- 58 Missão Evangélica Shekinah- Preparação de ministradores na área de libertação e cura interior. p.59 Obra não publicada
- 58 J. D. Douglas – O Novo dicionário da Bíblia – pág. 978
- 59 Rebecca Brown – Maldições não quebradas – pág. 83
- 60 Rebecca Brown – Maldições não quebradas – p. 95
- 61 Ricardo Mariano – Neo Pentecostais – p. 139
- 62 Robson Rodovalho- Quebrando As Maldições Hereditárias- p. 10
- 63 Ibid. p. 12
- 64 Missão Evangélica Shekinah- Preparação de ministradores na área de libertação e cura interior. p.56 – Obra não publicada
- 65 Ibid. p. 62
- 66 Robson Rodovalho- Quebrando As Maldições Hereditárias- p. 29
- 67 Robson Rodovalho- Por Trás Das Bênçãos E Maldições- p.61
- 68 Rebecca Brown – Maldições não quebradas – p. 19
- 69 Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa – p. 1069
- 70 HARRIS et al. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento – p. 126
- 71 Ibid. p. 126
- 72 Ibid. p. 1346
- 73 J. D. Douglas – O Novo dicionário da Bíblia – p. 978
- 74 Antônio Neves de Mesquita. Estudo nos livros de Números e Deuteronômio – p. 66
- 75 Lothar Coenen. Dicionário de Teologia do Novo Testamento. p. 184
- 76 . D. Douglas – O Novo dicionário da Bíblia – pág. 978
- 77 R. N. Chanplim – Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – p. 24
- 78 AYMARD et al. O oriente e a Grécia Antiga. p. 241
- 79 Ibid. p. 277

- 80 William L. Coleman – Manual dos tempos e costumes Bíblicos – p. 286
- 81 R. N. Chanplim – Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia – p. 362
- 82 Mary J. Evans. “A plague on both your houses” cursing and blessing reviewed. p. 4
- 83 Russel Shedd – Bíblia Shedd – p. 224
- 84 LASOR et al. Introdução ao Antigo Testamento. p. 16
- 85 Walter C. Kaiser, Jr – Teologia do Antigo Testamento – p. 80
- 86 HARRIS et al. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. p. 126.
- 87 F. Davidson – O Novo Comentário da Bíblia – p. 88
- 88 Ibid. p. 93
- 88 Henry H. Halley – Manual Bíblico – p. 74.
- 89 LASOR et al. Introdução ao Antigo Testamento. p. 123
- 90 Paul Hoff – O Pentateuco – p. 239
- 91 J. J. Von Allmen – Vocabulário Bíblico – p. 235
- 92 LASOR et al. Introdução ao Antigo Testamento. p. 134
- 93 Henry H. Haley – Manual Bíblico – p. 253
- 94 LASOR et al. Introdução ao Antigo Testamento. p. 247
- 95 Rebecca Brown – Maldições não quebradas – p. 12
- 96 HARRIS et al. Diconário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. p. 127
- 97 Robson Rodovalho- QUEBRANDO AS MALDIÇÕES HEREDITÁRIAS- p. 12
- 98 R. N. Champlim- O NOVO TESTAMENTO INTREPRETADO, VERSÍCULO POR VERSÍCULO- p. 780
- 99 Ricardo Gondin – OS SANTOS EM GUERRA- P. 174
- 100 Declaração de Magnólia de Campos de Araújo, escrita por Mátiko Yamashita, obra não publicada
- 101 C. Peter Wagner- ORAÇÃO DE GUERRA, p. 13
- 102 Ibid. P. 26
- 103 Claudionor Corrêa de Andrade- DICIONÁRIO TEOLÓGICO- p. 206

104 R. N. Champlim. ENCICLOPÉDIA DE BÍBLIA, TEOLOGIA E FILOSOFIA.
p. 354

Escrito por Nelson Galvão